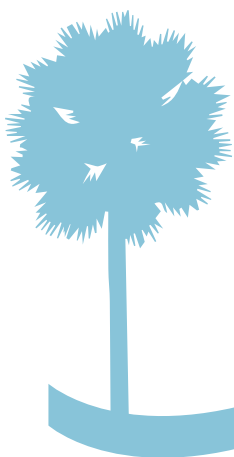
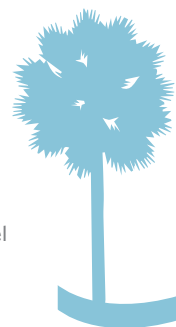




Todo lugar tem uma história pra contar

Memórias de São Gonçalo
do Amarante e Caucaia

Uma realização **CSP** em prol do desenvolvimento sustentável



• AÇÃO PARA
VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA
E DA CULTURA POPULAR

INTERAGIR
INTERAÇÃO ESTRATÉGICA
PARA GESTÃO E INVESTIMENTO
REGIONAL



CSP

Companhia
Siderúrgica
do Ceará



Prefácio

A participação do maior número possível de cidadãos nas decisões políticas é não apenas o ideal da democracia, mas também uma condição para uma política baseada no desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável está diretamente relacionado à integração de iniciativas para aumentar as capacidades locais voltadas ao trabalho, renda, cidadania e melhoria das condições de vida, assim como à preservação dos recursos naturais e promoção de ações empreendedoras que ofereçam novas relações solidárias.

Para contribuir com o desenvolvimento sustentável, a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) lançou, no final de 2013, o Programa Interagir, que tem o objetivo de trazer melhorias para a região de São Gonçalo do Amarante e Caucaia através de investimentos em projetos socioeconômicos.

Proveniente do Interagir, a Ação para Valorização da História e da Cultural Popular de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, que deu origem ao Projeto de Valorização Cultural, realizou entrevistas e rodas de histórias de moradores dos dois municípios. Em meio a diferentes narrativas, há pontos semelhantes que mostram os ativos culturais e saberes populares.

Esta obra reúne alguns dos trechos dessas histórias, buscando contribuir com a percepção de transformação local e incentivar as comunidades ao diálogo e à reprodução de sua história, cultura e tradições.

Boa leitura.



Histórias ou estórias

Venho de uma terra rica em história (as Minas Gerais) e rica em contadores de estórias.

Qual não foi a minha boa surpresa ao chegar a esta parte do nosso Brasil, o querido Ceará, terra de gente acolhedora e alegre, e encontrar aqui gente que tem muita estória para contar.

Ouvir estórias e histórias nos leva para um lugar especial, onde aprendemos, entendemos e, muitas vezes, nos divertimos.

Desejo a você, leitor desta obra, que, conhecendo um pouco das memórias de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, possa estabelecer uma conexão virtuosa com estas terras que fazem parte da moldura que cerca a CSP.

SÉRGIO LEITE

CEO

Companhia Siderúrgica do Pecém - CSP



Apresentação

Há 12 anos, depois de outros oito em construção, o porto de Pecém foi inaugurado no litoral cearense, transformando a região. Ao longo de 2014, uma equipe do Museu da Pessoa esteve em São Gonçalo do Amarante e Caucaia para investigar, a partir do registro de histórias de vida, as mudanças trazidas pelo empreendimento às comunidades locais, em uma ação que valoriza sua trajetória e sua cultura.

Foram feitas 21 entrevistas individuais e organizadas 4 rodas de histórias coletivas com pessoas de idades distintas, diferentes origens e múltiplas experiências de vida. Entre elas, indígenas das etnias tapeba e anacé, pescadores tradicionais, comunidades quilombolas da Serra do Juá e moradores de assentamentos da região.

Organizados por temas que vão da infância aos sonhos de futuro, os depoimentos constroem uma narrativa que, num trajeto do sertão até o mar, nos permite conhecer realidades, dilemas, alegrias e motivações de homens e mulheres em um cenário de profundas mudanças; mas em que muitas tradições se preservam.

Para garantir um bom ritmo de leitura e incluir no livro a maioria das entrevistas, os depoimentos foram editados em duas versões: histórias de vida, que englobam quatro páginas, em uma abordagem mais extensa. E relatos sobre episódios pontuais, ilustrativos da vida e trabalho, em uma página. Os dois formatos se entrelaçam e compõem um mosaico de memórias temáticas, sempre acompanhados de pequenas biografias dos depoentes, retratos, imagens de acervos pessoais e frases em destaque.

O registro da memória oral permite mobilizar as comunidades envolvidas, que buscam o reconhecimento de sua identidade. Valoriza as vivências pessoais e conscientiza a comunidade para a importância da participação de cada um na construção de uma história maior. Afinal, a percepção coletiva de que o cidadão deve ser agente da própria história

proporciona a revisão de seus valores e abre caminho para uma transformação social responsável e participativa.

A riqueza deste livro está em histórias como a de “Metrô”, cujo sonho é abrir uma escola de surf para crianças da região. Os anseios do afável e incansável padre Tula, a luta de Ricardo Dourado Tapeba, que deseja ver demarcadas as terras indígenas, além dos relatos das rezas de Maria dos Prazeres e Josefa. De Francisco de Assis, que em respeito ao nome adora conversar com as plantas, de Maria Ozélia, que ressalta como sua comunidade passou a se organizar depois de ser reconhecida como quilombola, e do cacique Alberto, que pede aos indígenas para nunca deixarem de se unir em torno do toré, dança sagrada do seu povo.

As histórias de vida são o universo de trabalho do Museu da Pessoa que, desde 1991, reúne depoimentos pessoais como forma de preservar saberes e fazeres, compondo um dos maiores acervos da história contemporânea brasileira, com mais de 15 mil histórias.

As histórias reunidas neste livro são mais um exemplo da riqueza dessas narrativas. Mulheres e homens que forjam a própria existência, sustentando-a em alicerces de luta, dificuldades e especialmente de intensa solidariedade.

Convidamos os leitores a se encantarem com esses depoimentos de pessoas comuns, que refletem a diversidade e a riqueza da região do Pecém, seja no campo, na praia, na cidade ou em povoados.

Pois, afinal, todo lugar tem uma história para contar.

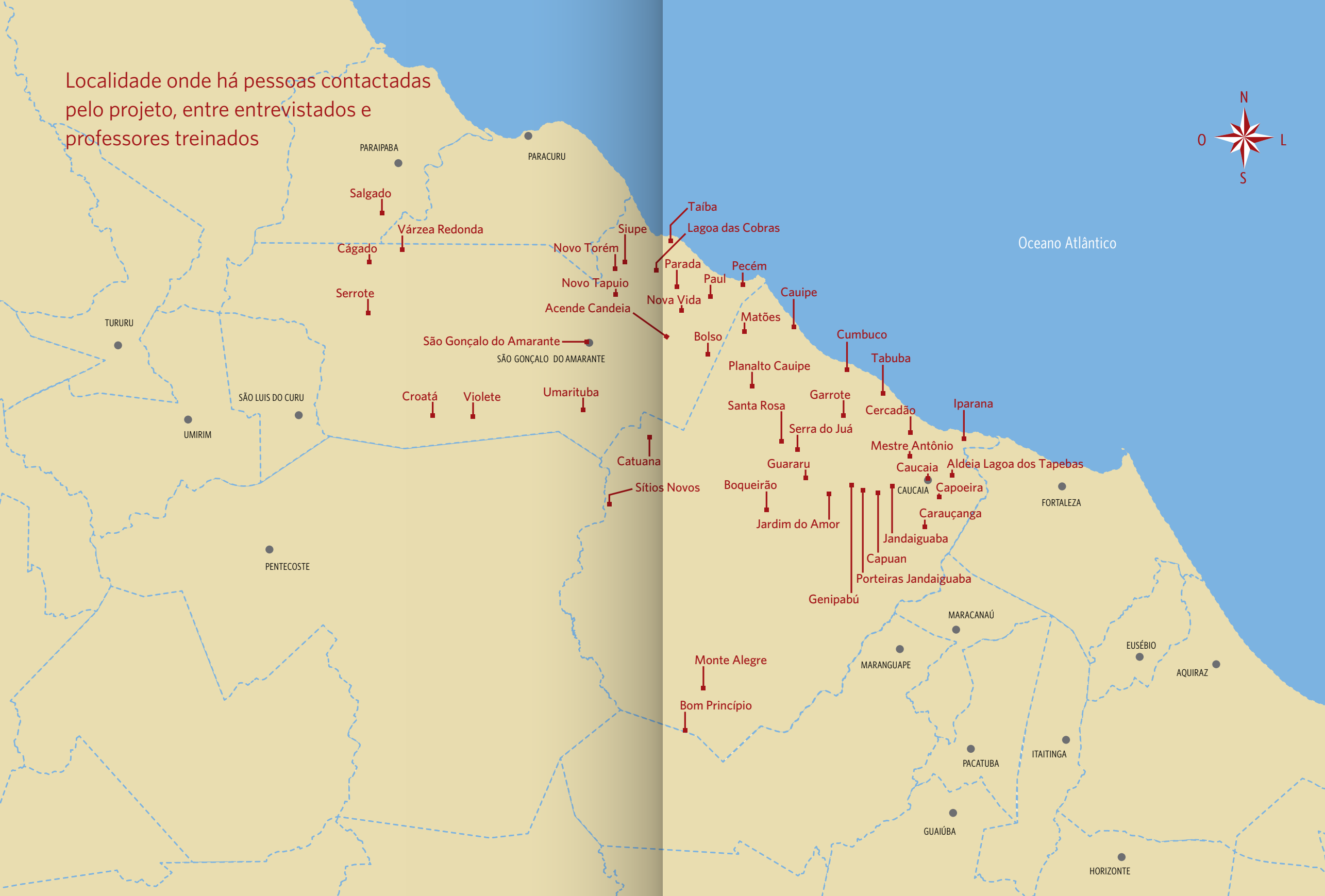
Museu da Pessoa

Sumário

- 16 Lá na Serra do Baturité
- 21 Minha mãe sempre foi uma batalhadora
- 22 Posso estar dentro de um fogo que meus meninos estarão junto comigo
 - 27 Reza só serve se a pessoa tiver fé
 - 28 Meu maior sonho é ver as terras indígenas demarcadas
 - 33 Falo com as plantas, isso me anima muito
- 34 Nunca fugi de uma briga: com fazendeiro, com marido, com quem quer que seja
- 38 Até o final da década de 1970 diziam que não tinha índio no Ceará!
- 39 A mão dela apagou o fogo na hora
 - 40 Sempre digo que sou indígena, com todo orgulho
 - 45 Índio deve se unir e sempre dançar o toré
 - 46 Agora somos tratados como uma comunidade quilombola
- 51 Agarrei a bola e caí. Correu o boato de que eu tinha morrido
- 52 Os mais novos suportam bem; os mais velhos sentem muito
- 57 Sofri muito, muito mesmo, não gosto nem de lembrar
 - 58 Tente reunir a tradição cultural e o progresso: o que acontecerá?
 - 63 Uma lamparina na janela
 - 64 Peguei meu filho no escuro, saindo da barriga da mãe!
- 65 A rezadeira não queria rezar e achei que meu filho ia morrer
- 66 Temos que contar nossa história, para no futuro saberem que tinha alguém aqui
 - 71 Os fazendeiros expulsaram os índios tapeba
 - 72 Não fomos feitos para comer o pão que o diabo amassou
 - 77 Falo para as netas como é importante estudar
- 78 O coração do mar é o vento
- 82 Ali nas ondas me encontro



Localidade onde há pessoas contactadas pelo projeto, entre entrevistados e professores treinados





Rochinha

Lá na Serra do Baturité

Lá na Serra do Baturité era ruim demais. Naquele tempo não tinha dinheiro nenhum. Comecei a trabalhar com o meu pai quando fiz 8 anos, era uma criança, mas meu pai não tinha nada de dinheiro, era muito pobrezinho. Nasci ali, dentro da agricultura, e fui aprendendo sobre plantar, colher... Meu pai me ensinou tudo. Nessa época já me chamavam de “Rochinha” ou “Rocha”. Tem gente que nem me conhece por José. A minha família morava em uma casa de taipa, na terra de um tio meu. Esse tio vendeu as terras e meu pai resolveu levar a família para o sertão, tentar outra vida. Eu tinha 16 anos e era bom no serviço, no roçado e às vezes no engenho. Trabalhava em tudo, sabia fazer muita coisa. Com o dinheiro que ganhava, mesmo sendo pouco, ajudei a criar meus irmãos. Depois Deus colocou a família para viver neste lado, e acho que foi bem melhor para todos os filhos.

Futebol e fumo

Desde pequeno sempre adorei futebol. Acompanhava os jogos sem perder um. Torço desde criança pelo Ceará. Primeiro ouvia os jogos em um rádio de pilha; depois veio a televisão. Naquela época nossa diversão eram as festas. Tanto na casa de alguém como as festas religiosas, da Igreja, cheias de gente, uma animação muito grande. E eu gostava de ir. Às vezes dava briga no forró, mas eu nunca vi ninguém furar ninguém, pois no geral as pessoas iam lá para dançar. Meus irmãos não gostavam, então eu ia sozinho. Meu pai tinha muita confiança em mim, me dava um dinheirinho. Quando o forró estava animado, virava a noite inteira. Mas do meu lado sem beber, pois nunca fui de beber e nem de fumar. Por isso as meninas gostavam de ficar perto de mim – eu não tinha aquele cheiro de pinga. Meu único vício, desde pequeno, sempre foi mascar fumo. Mascava, mascava e depois cuspia. Masquei fumo durante esses anos todos, dos 8 aos 70 anos, e hoje vejo como isso é nojento. Uns meses depois de ter parado, uns amigos estavam disputando uma partida de sinuca. Eles me chamaram para entrar, fiquei por ali vendo, e aí me ofereceram o fumo para eu mascar. O cão ficou tentando, “masca, masca”, mas não masquei.

Canindé

Nunca pude estudar. Só sei escrever o nome porque minha mãe me incentivava. Assinava sem conhecer as letras. Muitos anos depois veio o Mobral. Fui lá umas vezes, mas não aprendi mais nada. E no Canindé continuava no roçado, plantando milho, feijão, mandioca. Tudo dava – jerimum, melancia, o que plantasse dava. Fiquei nessa fazenda durante 30 anos e depois vim para a praia – isso foi há 20 anos. O Leonardo, que é meu filho mais novo, tinha só dois meses quando vim.

Fátima

A minha mulher se chamava Maria de Fátima. Uma noite ela adoeceu, começou a ficar com o corpo todo adormecido. Ela tinha muita fé em massagem, então fui fazer a massagem. Mas tudo ficou mais complicado, deu derrame na cabeça, corremos para o hospital. A família já morava aqui fazia muitos anos. Ela era nova, tinha 57 anos, mas não resistiu e morreu. Fiquei cuidando dos nossos 11 filhos, nove homens e duas mulheres. Eu conheci ela no barbeiro, o Toinho Fera. Ela passou, eu perguntei quem era, ele me disse e falou que ela tinha 12 anos. Eu disse a ele: “Toinho, vou esperar essa menina”. “Mas como, rapaz, você tem 23, vai esperar o quê?!”; “Vou esperar, estou lhe dizendo.” E esperei dois anos. Ela tinha 14 e eu 23 quando nos casamos. Vivemos 43 anos juntos e nunca mais olhei para outra mulher nem ela para outro homem. Foi um casamento abençoado por Deus, não tenho dúvida. Nós nunca brigamos.

Trabalho na roça

No Gregório não era diferente. Passava o dia todinho na roça. Saía de manhãzinha, chegava ao meio-dia, almoçava e me deitava. Toda vida gostei de me deitar perto do meio-dia. Quando era uma da tarde ia trabalhar novamente. Chegava em casa e via luz acesa,

Casa de Rochinha no
Assentamento Forquilha,
Povoado do Suipé,
São Gonçalo do Amarante



era sinal de que a Fátima estava na janela olhando se eu estava vindo. À noite a gente tomava conta da meninada. Criamos todos eles com saúde; os homens são uns “homão assim”, todos sadios. E com esse trabalho eu ajudava quem precisava. Ainda ajudo. Acho que é porque na infância tudo foi mais pobrezinho. Peço a Deus todos os dias para ter pra mim e pra outra pessoa que precisar. Se vem gente atrás, eu arrumo e dou.

Criado com rapadura e feijão

Agora o governo nos colocou aqui, fez as casas e deixou a terra solta para quem quisesse trabalhar. Aí eu trabalho, e faço meu legume. Quem chegar aqui em casa dizendo assim “Ó, tem um feijão com arroz, tem um legume, me arruma um litro aí? Ou tem um pouco já pronto?”. “Tem”, eu respondo. Fui criado com rapadura, feijão, pão de milho, comida mais grosseira. Hoje a maioria desse pessoal é doente. Hoje tudo é salsicha, tudo é linguiça – não gosto de nada disso. O feijão é pulverizado, os legumes têm veneno. Verdura, horta, cebola, pimentão, tomate, tudo é pulverizado com veneno. Aquilo ali faz mal para a pessoa. Na velhice vão aparecendo as doenças. E sempre existiu essa história de usar, mesmo na época do meu pai. No meu feijão eu não uso veneno, ele é do jeito mesmo que Deus me deu. E mesmo assim consigo ter uma boa safra. Já agora tenho feijão, bem limpinho, graúdo.

O CÃO FICOU TENTANDO,
“MASCA, MASCA”, MAS NÃO
MASQUEI O FUMO.



Pegar a garapa

Meu almoço era feijão com rapadura e cuscuz de milho. Trabalhei um tempo no engenho, era tronqueiro – aquele que coloca a cana no engenho. E eu ficava embaixo tirando o bagaço para não entupir. A primeira garapa que caía eu já aparava com a cuia. E muita fruta: manga, laranja, tangerina, lima, tinha de toda qualidade lá. Mas sofri uns tempos com umas dores no estômago. E Deus me curou, junto com os remédios. Fiz até promessa, que era andar de joelhos da entrada da Igreja de São Francisco até o altar.

Novos ventos

Um dia, tava todo mundo bem tranquilo, cada um no seu canto, sossegado. Aí chegou uma equipe do Idace e eles começaram a fazer reunião. E tinha um tanto de doutor vindo de fora pra conversar com a gente; a gente só escutando. Um bocado de nós era contra, não queria aceitar. As famílias foram avisadas que tinham que procurar uma terra para o governo comprar, e que todo mundo iria sair dali. Nós achamos uma terra, mas o pessoal que gosta mais de litoral falou que devia ser perto da praia. Eles compraram e fizeram 21 casas aqui no assentamento. Ganhei a casinha e fiz um puxado, com um alpendre grande. E eu ainda planto feijão e milho. Mas estamos esperando o Idace voltar. Prometeram fazer uma praça.

Mais união

Gosto daqui por muitos motivos. Um deles é porque não estou trabalhando para os outros, e quem sempre trabalhou para os outros sabe como é bom ter uma coisa sua. Aqui é meu sítio. Agora, aqui dentro precisamos de mais união, ser uma comunidade de verdade, todos se ajudando. Na época do Idace eles faziam mais reuniões, e o povo se sentia incentivado a participar, a contribuir, a dar sua opinião. E isso fazia muito movimento, as famílias conversavam, todo mundo vendo o que era melhor não apenas para si próprio, mas para o geral. O que não pode acontecer é um ter raiva do outro, ter inveja. Isso não leva a nada, acaba prejudicando a vida das pessoas.

A Graça

Passou um tempo na minha vida e eu conheci a Graça. Muita gente foi contra, achando que eu queria me casar com ela porque ela tinha um carro. Falavam assim: “Ele quer pegar a besta. O bicho aí, com um rodo de filhos, ela não sabe onde vai se meter, vai se enganar todinha”. Graças a Deus ela está muito satisfeita comigo. Eu ainda trabalho, dou conta da mulher e de vez em quando nós passeamos de carro.

José Rocha Martins de Freitas nasceu na Serra do Baturité, município de Mulungu, no dia 6 de novembro de 1943. Um dos oito filhos de José Martins de Freitas e Maria Amélia Caetano, agricultores, foi casado durante 43 anos com Maria de Fátima. Tiveram 11 filhos. Depois de ficar viúvo, casou-se novamente. É assentado (mora no Assentamento Forquilha, povoado de Suipé, São Gonçalo do Amarante), agricultor, e sabe apenas assinar o nome. Torcedor do Ceará e evangélico, sonha “ter saúde até o fim da vida, pois eu adoro trabalhar”.



Minha mãe sempre foi uma batalhadora

Eu me sinto uma tapeba, apesar de ser descendente dos tremembé. Tive um pai que me criou, pois o pai verdadeiro deixou minha mãe com cinco filhos pequenos. A mais velha era eu, com 7 anos quando ele se foi. Minha mãe trabalhava em uma pedreira e tinha um roçado pequenininho, que ela plantava para alimentar os filhos. Ela aproveitava o sábado e o domingo para plantar. Os filhos não estudaram, pois minha mãe não tinha como comprar material; se comprasse, não tinha o que dar de comer às crianças.

O meu pai verdadeiro casou com outra mulher. Muitos anos depois, eu já era adulta, telefonaram pra gente ir buscar ele. Doente e velho, não queriam tratar dele. Acabou morrendo em nosso poder. Minha mãe sempre foi uma grande mulher. Para se ter ideia da luta dela, quando tomei conta da minha casa, contei e vi que lá moravam 22 pessoas. Ficou conhecida como a “Casa 22”.

O meu irmão mais velho resolveu trabalhar em Manaus e nunca mais tivemos notícias dele. Minha mãe estava muito doente e queria rever o filho. Então uma prima escreveu para o Programa do Gugu, pedindo empenho para encontrar meu irmão. Já fazia 13 anos que ele tinha ido embora. Ele foi localizado no Rio de Janeiro. Coração dos outros é terra em que ninguém anda. Ninguém sabia como seria a reação dele. Mas no mesmo mês veio em casa ver minha mãe.

Dona Raimundinha, batizada Raimunda Cruz do Nascimento, nasceu em Croatá, no dia 18 de março de 1947, filha de Maria Augusta Souza da Cruz. Foi criada pelo padrasto, José Ferreira da Cruz, pois o pai verdadeiro deixou sua mãe com cinco filhos pequenos. Ajudava a mãe no trabalho em uma pedreira; o padrasto era agricultor. Casou-se aos 16 anos e aos 17 teve a primeira filha. No total, foram 16 filhos com o marido com quem está há 50 anos. É rezadeira e benzedeira e sente saudades da “cantarola” dos pássaros, na época em que havia “muita mata”. Mora no Capuan, Caucaia.



Bia

Posso estar dentro de um fogo que meus meninos estarão junto comigo

O apelido de Bia foi dado por minha irmã novinha. Quando ela nasceu eu tinha 5 anos. Um dia me chamou de Bia e pronto, pegou. Nossa infância foi muito boa; todo dia era tomar banho no Rio Cauípe. No sertão tem muitos açudes e a criançada ia lá. Todos os filhos trabalhavam, ajudando os pais na plantação, apanhando arroz, algodão e fava. Nunca nos faltou nada, graças ao trabalho do nosso pai. Meu pai tinha criação de cabra, porco e muitas galinhas, além de plantar bastante. Ele vendia as sacas de arroz e isso sustentava a família. Todos trabalhavam ali. Nunca tivemos o pé fora em outra atividade, a não ser a agricultura. O brinquedo, naquela época, eram as bonequinhas de pano, que a gente aprendeu a bordar e a costurar. Aprendi ali. Minha irmã mais velha fazia as bonequinhas para as duas irmãs menores brincarem. Era assim a infância.

Uma hora de viagem a pé

Em 2014 meu pai morreu, com 94 anos. Minha mãe tem 93. Tivemos uma educação muito boa, dada por eles, apesar de serem analfabetos. Sempre respeitaram os filhos e do nosso lado a mesma coisa. O único problema daquela época era a escola ser muito longe. Meu Deus, como era longe! Uma hora de viagem a pé, andando nas sombras da mata. Iam três irmãos, os mais velhos já tinham estudado. Se fosse de manhãzinha minha mãe mandava bolachas e tapioca. A escola se chamava Maria Cleomar Pereira Gomes, e ficava em um lugar com o nome de Lagoinha. Fui alfabetizada ali e fiz até o segundo ano. Aí viemos para o Colégio Antônio Gomes Pereira, com a professora Lucivan de Aguiar da Cunha, onde estudei até a quinta série. Com 25 anos me casei com uma pessoa que morava no Cambeba, onde fui morar, e saí do sertão. No sítio era tudo diferente – água boa, cana, coqueiro, bananeira, muitos legumes. Morei ali 19 anos. Sou mãe de cinco filhos; o primeiro, James, nasceu em 1982.

Marido festeiro

Desde menina eu e meus irmãos íamos à igreja evangélica, por isso nunca fui a uma festa. Não podia pôr os pés nos salões feitos de palha de coqueiro, com sanfoneiros e forró. Até hoje somos pessoas conservadas, livres do mundo e das coisas mundanas. Ninguém era estragado de noitada. Na igreja não se corta o cabelo; o meu é curtinho porque em 2000 tive um problema de útero, fiz uma cirurgia, meu cabelo caiu. Mas tinha o cabelo bem grande, bem cacheado. A separação do meu marido foi porque ele gosta de festas, dessas coisas mundanas. Desde o início do casamento me deixava sozinha, eu ficava ouvindo um rádio grande, de madeira, que funcionava com quatro pilhas.

Desapropriação

Em 1997 apareceram umas pessoas dizendo que iam desapropriar. Mediam as terras e falavam que ali seria um polo industrial, perto do Pecém. Precisavam da área para a Petrobras, como é mesmo verdade. Pela minha casa pagaram perto de 3 mil reais. Fui boba, coloquei no nome do meu marido e ele não me deu nada. Ele depositou 2.500 reais na conta e ficou com 500 reais para as vaidades dele. Não compramos um palito de fósforo para os meninos, nem para mim. Desperdiçou o dinheiro. Mas a notícia de ter que me mudar me fez muito mal. Teve idoso que morreu de tanta raiva, com a ansiedade de sair do lugar onde nasceu e se criou. Só a pessoa equilibrada ficou de acordo e recebeu aquilo como coisa normal.

A vida no Assentamento Munguba

Eles me trouxeram para o Munguba em março de 2000. Era um assentamento para 40 famílias. Nunca mais voltei ao sítio. Lá tinha uma casa de farinha, aqui também tem. Um dos assentados, seu José Saturnino, tem mandioca para trabalhar umas três semanas. Das minhas meninas, terminaram o terceiro do médio a Aline e a Raquel, e estão fazendo faculdade. A outra casou logo, deixou de estudar. Os meninos chegaram a fazer só até a sétima série. Não estudaram porque não tínhamos dono de casa para



Casa de Bia na Vila Munguba I, Paracuru

ajudar, então eu colocava os meninos para trabalhar e ajudar a me manter e a manter as meninas. E eu não queria abandonar a casa do assentamento, pois muitos abandonaram as casas por causa de recurso financeiro. Eu não queria fazer isso. Hoje, o mais velho tem até computador. Ele não estudou, mas é uma pessoa bem desenvolvida, pois quando a gente faz alguma coisa com fé a gente vence.

Meus meninos estão sempre comigo. Posso estar dentro de um fogo que meus meninos estarão junto comigo, disso aí nunca tive dúvida, eles sempre me apoiam em tudo. Isso para uma mãe é uma alegria muito grande, prova de amor e de confiança.

Deus me defenda!

Eu gosto muito daqui, do silêncio daqui. Deus me defenda de morar em uma rua qualquer, em uma favela. Nem pensar. Aqui o dia passa e não se vê ninguém, só se for ao comércio ou tiver uma reunião. É uma benção, por isso a gente valoriza muito. Fiz um levantamento, moram aqui umas 280 pessoas. Temos uma associação de moradores, eu

MEU DEUS, COMO ERA LONGE. UMA
HORA DE VIAGEM A PÉ, ANDANDO
NAS SOMBRAS DA MATA.

ATÉ HOJE SOMOS PESSOAS CONSERVADAS, LIVRES DO MUNDO E DAS COISAS MUNDANAS.

sou a secretária. Aqui, temos uma regra: os filhos dos assentados podem fazer a casinha deles. Se a filha arranhou uma pessoa lá fora e não quiser ir embora, ou o filho arranhou uma mulher lá e não quer ir, vai ter direito de fazer a casinha. Alguns já estão com uns sete a oito anos que têm a casinha.

Quando chegamos nem posto médico tinha. A gente se consultava no alpendre do colégio. Vinha o médico, fazia as consultas, examinava as crianças. Aí doamos a casa; hoje é um posto médico. E vem médico de 15 em 15 dias. Sou hipertensa, estou com surto de diabetes e faço o meu tratamento todo ali, recebo o meu medicamento, há o pré-natal, atendimento às crianças, tudo lá no posto.

Cuido das minhas galinhas

A grande dificuldade que existe para a maioria é a falta de assistência na agricultura, que está hoje uma coisa quase esquecida. Tenho minha área pequena de milho e feijão. E tenho o meu cotidiano de dona de casa, zelo pela minha casa, meu quintal, minhas plantas, cuido das minhas galinhas, dos bichinhos que eu crio. Não gosto de pensar no futuro, pois somente a Deus pertence. E ninguém espera morrer, só espera viver.

A vida nos foi dada para ser bem vivida

O meu sonho hoje é crescer bastante, ficando melhor do que estamos; o que acontecer que não venha por mal, mas pelo bem. Que a comunidade e as pessoas tenham mais amor, mais Deus no coração. Sem Deus não somos nada, não resolvemos nada. Quando a pessoa quer protestar não vai agredir, apedrejar, vai é lutar pelo seu direito. Como eu fiz aqui. Devemos continuar unidos, cada um vendo a sua vida, mas olhando para o lado, para o vizinho. Tive problemas com o meu marido? Tive, mas quantas pessoas não têm, não é verdade? O que devemos fazer, e disso não tenho a menor dúvida, é seguir em frente, pois a vida nos foi dada para ser bem vivida. Lutar e vencer, não é?

Maria Luiza Barbosa de Freitas, a Bia, nasceu em Caucaia. Ela e mais cinco irmãos são filhos de Francisco Barbosa de Moraes e Francisca Benvindo Barbosa. Mudou-se aos 25 anos, quando se casou. Após 19 anos morando em um sítio, foi obrigada a se mudar novamente, pois as terras seriam desapropriadas. Com cinco filhos, separada do marido, desde 2000 ela mora na Vila Munguba I, em Paracuru.



Reza só serve se a pessoa tiver fé

Hoje em dia, quando quer curar, o povo corre pra cá, pois eu rezo. Rezo, sim. Outro dia chegou um menino gritando com dor de barriga, uma criancinha de uns 5 meses. Emborquei o menino, tirei a roupinha, empacotei o menino, deixei só com a cuequinha. Pedi um óleo doce. A menina pegava e passava assim no “imbigo”. Mande fazer um chazinho de alho e dei. Eu botava ele pra riba e pra baixo; sei que ele foi liberando. Rezei três vezes nele, e quando saiu, ele saiu dormindo. O bichinho não sentiu mais nada.

Rezo assim desde que morreu um menino meu, eu já tinha quatro filhos. Reza não serve? Serve, sim. Mas tem que ter fé. Eu tenho fé na minha saúde. Olha só: estou aposentada de doença do coração já tem 17 anos. Tive veia entupida, fiquei internada, depressão, dor nos ossos. Tinha gente que dizia que era câncer. Mas aí comprei a vitamina da ostra. Agora tenho cansaço. Já fui pra médico de cérebro, de rim e do coração. Diz que do coração fiquei boa. Aí diz que é pulmão, empurra pro outro, diz que não tenho nada de pulmão. Sei que tem horas que me embaralha até o juízo. E tomo remédio para os nervos. Já tive um AVC. O povo diz que é AVC, eu digo que é ataque. Ataque ou AVC, quero mais é viver.

Josefa Felipe de Araújo nasceu no dia 16 de abril de 1952, em Suzana, filha de José Felipe de Azevedo e Maria Felipe de Azevedo. O casal teve oito filhos. O pai plantava feijão, milho e gergelim, além de criar porco e cabras. Estudou até o então quarto ano primário. Nunca tinha namorado até conhecer seu futuro marido. Aproximou-se dele, aos 16 anos, e disse: “Quero ser casada com você”. Trabalhou fazendo objetos de palha – piso, cesta e rede, principalmente – que vendia na região, ajudando a criar as duas filhas. Viúva, conhecida pelos dons de rezadeira, seu sonho é conseguir dinheiro suficiente para fazer um túmulo para o marido. Mora no Alto do Garrote, em Caucaia.



Dourado Tapeba

Meu maior sonho é ver as terras indígenas demarcadas

Depois de 18 anos consegui colocar Dourado no meu nome. Foi uma luta. Minha mãe me registrou eu já tinha 10 anos. Quando fui para a escola foi que fiquei sabendo que meu nome era Antônio Ricardo, aí não gostei... Era conhecido como Dourado, e depois dessa luta de 18 anos cheguei a incluir o nome Dourado Tapeba.

Na realidade, quando nasci, minha irmã fez o trabalho de parto, a minha mãe deu à luz em casa, e antes de o umbigo cair achou que aquilo era parecido com um peixe. Ela disse assim: “Esse aqui vai ser o meu Dourado”. Aí ficou, pegou.

Nasci aqui mesmo na aldeia, na Lagoa dos Tapeba, dia 18 de fevereiro de 1961. Sou o caçula da família. Nós éramos 13 irmãos, hoje somos dez.

Meu pai sempre trabalhou na roça como agricultor, era coletor de fruta. Passou a vida inteira na luta de plantar milho, feijão, rama de batata, mandioca. Coletava caju, manga, goiaba, sapoti, cajá e umbu e ia vender na cidade. Era muito culto, apesar de nunca ter ido à escola.

Minha mãe trabalhava muito com renda, fazia almofada de bilro, e era a parteira da comunidade. Ela pegou mais de mil crianças.

Deus Tupã ajudando a estudar

Mas minha mãe sofreu muito comigo, porque tinha muita vontade de estudar, e aqui não tinha aula, não tinha escola. Tive que fugir para Iguatu. Quando completei 11 anos fugi no trem. No caminho, o trem virou, morreu muita gente. Fiquei lá aperreadinho, sozinho, esperando o guindaste, um alvoroço, mas não me machuquei. Fui até a casa da minha irmã, bati lá, menti, dizendo que minha mãe tinha me mandado. Três meses depois meu cunhado foi até a minha casa e disse para a minha mãe onde eu estava. Ela foi lá, queria me trazer, mas eu estava estudando, minha irmã não deixou. Quatro anos depois voltei, consegui terminar o segundo grau em Fortaleza, no Liceu do Ceará. Morava na casa de um padrinho, trabalhava de ajudante de caminhão e estudava à noite. E sempre dizia que com fé no Deus Tupã ia conseguir estudar.

Na infância era tudo aberto. Com o tempo foram se apossando das nossas terras, ficamos praticamente encurralados. Antigamente não tinha estrada aqui, era só vereda, a gente ia pegar lenha para cozinhar as comidas dentro do mato.

O lobisomem mordeu um homem

E nessa época tem a história do lobisomem, que meu pai contava. Uma família tinha medo de tudo quanto era bicho, qualquer coisinha que dava na mata a pessoa ficava alvoroçada. O pai tinha um jumento e colocou um caboclo muito medroso pra pastorear as palhas lá de noite, cuidar de tudo. Aí alguém colocou um saco preto na cabeça do jumento; o jumento ficou rodando, o rapaz saiu correndo, nunca mais voltou. Mas a história do lobisomem dizem que era verdade. Um senhor aqui virou lobisomem, chegou a morder a testa de uma pessoa. Amarraram o homem num pé de pau. Depois ele se mudou, nunca mais apareceu.

Dormir na cama?!

Fiquei aperreado só quando me casaram. Eu tinha 22 anos, não queria me casar, mas me casaram. Eu namorava com a minha ex-mulher, ela apareceu grávida. Falei com a minha mãe: “Mas mãe, não precisa de casar, não”. E ela me disse: “Precisa, sim, que agora é assim, os pais da moça vêm cá”. Vivemos 19 anos juntos, mas a convivência não era boa, não. Tinha uma coisa: nunca fui de dormir na cama, sempre na rede, e ela me falava para dormir na cama. Isso é progresso?! Dormir na cama?

Demarcação das terras

Na realidade, a nossa terra dá 36 mil hectares, mas de tantas invasões hoje não passa de 6 mil. A gente teve que abrir mão de tudo isso porque se não iam demarcar. E mesmo assim não foi demarcada ainda. A gente tem as plotagens, as coordenadas geográficas. A terra foi demarcada em 97, mas o prefeito na época entrou com uma



ação, um mandado de segurança dizendo que a gente atrapalhava o crescimento de Caucaia. Esse prefeito era possessor de uma grande área... Agora tem um prefeito que diz que é um orgulho ter os índios tapeba fazendo parte da cultura do município. Somos indígenas e somos munícipes.

Sempre teve muito preconceito contra os índios. Pra quem mora no sertão, ser índio é coisa ruim; ser sertanejo é melhor. Teve uma época que a gente não dizia que era índio, porque se dissesse sofria muita represália. Porque o índio representa a terra, e muita gente quer as terras. O índio era pra trabalhar de meeiro para os outros. Até que pusemos a retomada da terra e os caras tiveram que sair.

Fiz essa retomada porque via o sofrimento de todo mundo. Saí falando com o pessoal daqui da comunidade, eram 270 famílias, hoje são 384, aumentou. Juntamos todo mundo, na faixa de 300 índios. O possessor apareceu e falamos sério com ele. A Funai chegou e deu o prazo de um mês para eles tirarem toda a plantação. Nada. Deram mais cinco dias, nada. Aí fizemos do nosso jeito: arrancamos toda a mandioca, vendemos uma parte, fizemos farinha da outra.

Organização indígena

Não sou o cacique. Represento os índios da Região Nordeste, pois sou coordenador da Articulação do Povo Indígena de Minas Gerais e Espírito Santo, ligada à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Represento hoje a Região Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo nessa luta. O nosso cacique é o Alberto. É um trabalho difícil, imagine... Eu trabalho com 146 povos nessa região toda.

PARA QUEM MORA NO SERTÃO,
SER ÍNDIO É COISA RUIM, SER
SERTANEJO É MELHOR.

É uma luta que vem de muito. Nos anos 1970 foi publicado no jornal *Folha de S.Paulo* que o povo tapeba vivia sofrendo às margens do rio Ceará, às margens da linha férrea. E a partir daí a gente começou a se organizar com outros estados, sempre com apoio de dom Aloísio Lorscheider, que era bispo de Fortaleza. Mas hoje o empecilho maior na nossa demarcação de terra é a bancada ruralista do Congresso Nacional, o agronegócio.

Sou assessor do Controle da Saúde Indígena, pelo Imip, o Instituto Materno-Infantil de Pernambuco, que é uma ONG que assume a gestão das equipes de saúde indígena. Contrata médico, enfermeiro, os agentes de saúde, os técnicos de enfermagem.

Sobre isso, a saúde, tem ainda um assunto que quero falar. É da cura espiritual. A gente faz remédio com raízes, que Deus Tupã nos ajuda a curar, mas tem a cura espiritual. Você tem que ter fé, a pessoa é curada porque tem fé. Uma vez fui ver um rapaz, o Carlinhos, e me arrepiei todinho. Ele nem falava e nem se levantava mais. Perguntei a ele se acreditava que Deus podia curar aquela doença e ele fez que sim com a cabeça. A doença passou para o meu braço; passei na faixa de uns sete dias com a mão pesada! O espírito ruim que tinha nele passou para o meu braço, que depois ficou bom.

No movimento sindical

Mais tarde entrei no movimento sindical. Houve uma greve com três dias que eu estava como vigilante. Peguei e disse: “Pessoal, é o seguinte, eu tô entrando agora e vendo o sofrimento de todo mundo. Se vocês forem pra greve eu vou também. Não estou nem aí se perder o emprego”. Conseguimos fazer parar 90% dos postos de trabalho, e durou um dia e meio a greve. Passei um ano nessa história. Depois veio a eleição do Sindicato, mandaram me chamar para participar da chapa, como diretor de Patrimônio. Ganhamos a eleição.

Como foi a história?

Meu maior sonho é ver essa terra demarcada. A terra toda regularizada, todo mundo trabalhando coletivamente, os nossos netos vendo isso.

Sinto que merece divulgar o que a gente já passou, o que a gente está passando, o que a gente espera na frente. Porque se a gente fica no anonimato ninguém vai saber como foi a história do povo, a história dos povos indígenas.

Antônio Ricardo Domingos Dourado da Costa Tapeba nasceu no dia 18 de fevereiro de 1961 em sua aldeia, na região da Lagoa dos Tapeba, filho de Arlindo Domingos e Amélia Costa, rendeira e parteira da comunidade – ajudou a dar à luz mais de mil crianças. É o caçula de 13 irmãos. Apaixonado por futebol, afirma que fez 780 gols quando era jogador. Atualmente trabalha na Secretaria Especial de Saúde Indígena e se dedica à luta pelos direitos do seu povo, entre eles o respeito às terras ancestrais. Mora na Aldeia Lagoa dos Tapebas, Capuan, Caucaia.



Falo com as plantas, isso me anima muito

Minha mãe trabalhava lavando roupa e fazendo faxina. Nosso almoço era feijão, arroz e um pedaço de galinha. Nunca frequentei a escola, pois o pai nunca foi de colocar filho para estudar. Um ou outro irmão aprendeu a fazer o nome, mas depois de velho. Aos 21 anos arrumei uma namorada. Nos casamos e vivo com ela até hoje, mãe dos nossos cinco filhos. Nessa época a gente trabalhava em uma fazenda, na casa de fornalha, onde se faz a rapadura.

Hoje, tenho o sonho de não viver trabalhando para os outros, pois não aumenta nada. Mas agora está até bom, porque já sofremos muito no passado. Hoje as coisas andam mais fáceis. O transporte, por exemplo, ficou muito melhor com a estrada. Era só estrada de areia. O caboclo não podia nem ter uma bicicleta, pois tinha que ir empurrando.

Continuo plantando feijão, milho e macaxeira. Meus filhos não gostam da roça, mas não ligo, pois eles têm que procurar alguma coisa melhor. Eu gosto. Quando chego em casa meio estressado, já arranco um pé de mato no tronco e começo a falar no meio das plantas. Isso me anima. Fico mais tranquilo.

Francisco de Assis da Silva nasceu em 10 de abril de 1959, em Gregório, comunidade do interior cearense. Um dos nove filhos dos agricultores Deodato Pereira da Silva e Maria da Conceição, seguiu o ofício do pai, sempre trabalhando em fazendas de outros proprietários. Casou-se aos 21 anos com Margarida Mendes da Silva, com quem vive até hoje. Mora, com os filhos e um neto, no Assentamento Forquilha, povoado do Suipé, São Gonçalo do Amarante. Quando criança, a maior parte do tempo os filhos ficavam sozinhos, pois o pai e a mãe saíam para trabalhar.



Maria dos Prazeres

Nunca fugi de uma briga: com fazendeiro, com marido, com quem quer que seja

Ainda estou triste, porque um irmão meu morreu faz oito meses, em um acidente de trânsito. Ele estava de bicicleta, um carro bateu. A minha família é daqui mesmo, do Cercadão, e agora somos reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares como comunidade quilombola, o que nos deixou muito orgulhosos. Só conseguimos sucesso por causa da nossa “curiosidade”. Fomos entrevistar os mais velhos e conhecer nossa história. Aí tudo aconteceu.

Nenhuma criança ficava com fome

A infância de uma criança por aqui é sempre sofrida. Minha família sempre foi muito humilde. Nós morávamos em uma casa de barro e as camas eram feitas de vara, com o junco, que dá na beira da água. O junco fazia a cama ficar quentinha e confortável. Mas no inverno tudo se transformava, a umidade entrava com a água, e a casa ficava molhada, enchia, pois o piso era de folha, só barro batido. As crianças tomavam o café da manhã, mas a maioria guardava o pão para comer à tarde. Nem todo mundo tinha café; tampou-

co farinha. O almoço era às 11h. A mãe pendurava uma enxada, e batia nela na hora de a criança almoçar. Agora, desde que me lembro, sempre aqui houve um grande espírito de coletividade. Se eu tenho 2 quilos de arroz e está faltando na casa do outro, a gente vai e troca. Isso faz todo mundo ficar igual. E isso vem desde criança, pois o pouco que tínhamos era sempre dividido. Nenhuma criança ficava com fome. A criança sentava no chão e comia.

No tempo da palmatória

Comecei a estudar com uma professora particular. Meus pais não pagavam o estudo com dinheiro, mas sim com alimento. E era tempo da palmatória – todos nós já sabíamos, ou aprendia ou desaprendia, o momento era aquele. Depois surgiu a escola mesmo, do Icarai, uma escola que deu para acomodar o bairro todo. Terminei o ensino fundamental com 18 anos e estava atrasadíssima, tinha perdido muito tempo, porque fui obrigada a parar para ajudar a família com o trabalho. Não tinha como não ajudar. Depois do ensino fundamental decidi não parar mais. Fiz o ensino médio e hoje estou estudando Pedagogia.

Cadeiras de palhinha

Nosso trabalho era em casa, fazendo cadeiras de palhinha. E tínhamos que fazer ou todo mundo ia andar nu, pois o dinheiro era para comprar alguma roupa; o dinheiro dos pais dava só para comer. A mulher vinha com o caminhão e deixava as cadeiras. Aí marcava oito dias pra vir pegar. Era um trabalho escravo, porque era bem baratinho. Todas as pessoas trabalhavam sentadas. Homem, mulher, criança, todo mundo com o bumbum no chão.

Paquera

Nossa única diversão mesmo eram as festinhas de radiola, com luz de lamparina. Na casa de um tio, as moças e os rapazes ficavam conversando, namorando, aquela paquera. Mas não era nada livre, pois os pais estavam ali presentes, observando tudo. E quando percebiam que estava acontecendo uma paquera, eles diziam: “Deixa a paquera aqui, não vai levar paquera pra casa, hein?!”.

Casamento com primo

Como não tinha muitas opções, não saía muito de casa, acabei me casando com um primo. Namoramos quatro anos e tive um filho desse casamento. Meu pai não queria, dizia que o filho podia nascer com alguma deficiência. Sei que passamos só 1 ano e 6 meses casados e já me separei dele. Ele me batia, era uma pessoa muito violenta, chegava a correr atrás de mim com faca. Mas eu não me intimidava, nunca fugi de uma briga com ele, enfrentava o marido e batia nele também. Quando resolvi que era melhor a separação, ele começou a me ameaçar: “Se você arrumar outro homem eu venho aqui e mato todo mundo”. Mata nada! Passei um ano sem compromisso, aí me casei de novo. Com esse marido agora já são 25 anos de casada. Temos quatro filhos. O de 26 anos é o Rafael, a de 22 é Francilane, o de 20 é o Marcos, e a de 13 é a Fancilane. Meu marido é um anjo, me apoia, me incentiva. E olha que é difícil hoje em dia dizer que um marido é um anjo.



Como aconteceu com o Projeto Mova Brasil, de alfabetização de adultos, que é do Instituto Paulo Freire, de São Paulo. Eu resolvi trabalhar no projeto, aqui dentro mesmo da comunidade, e meu marido sempre me deu muita força. Se a pessoa não tiver apoio em casa para o trabalho comunitário, tudo fica mais difícil, quase impossível mesmo.

Vi na televisão e fui atrás

Um dos problemas trazidos pelo porto aqui para a nossa região foi a vinda de muitos homens. E eles acabam tomando as mulheres dos homens daqui. As meninas ficam doidas pelos caras. Tem gente daqui do Cercadão que foi até embora. E haveria algum impacto positivo se tivesse dado oportunidade de emprego, mas até agora não deu. E a falta de oportunidade de emprego não é por conta de não haver formação, porque fomos atrás do Pronatec, que já formou até turma de almoxarife. Agora estamos com duas turmas – uma de porteiro e vigia e a outra de serviço ambiental. E vamos iniciar uma de pedreiro e acabamento de cerâmica. Nosso objetivo é capacitar o jovem. Eu vi na televisão: Pronatec existe para capacitar os jovens. Fui atrás e trouxe para cá. O Pronatec é o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, que oferece cursos técnicos e cursos de qualificação.

Sou benzedeira

Desde os 7 anos via minha mãe rezar e benzer as pessoas; ela sempre me ensinando as rezas. Nessa idade eu já pensava em procurar as crianças pequenas para benzer. Hoje es-

tou com 48 anos e continuo benzendo. Depois de adulta, a primeira vez que benzi uma pessoa foi meu irmão, que estava embriagado, e sentia uma dor horrível. Depois ele disse que a dor tinha passado. Sempre que vou rezar peço licença à natureza, pois rezo com folha. Peço a Deus que me ilumine para servir de instrumento de cura para aquela pessoa. E para mim isso independe de religião, pois frequento a Igreja de São Francisco, sou umbandista e vou ao culto evangélico quando me chamam.

Ser quilombola

As pessoas veem os quilombolas com certo preconceito, mas graças a Deus aqui dentro ninguém sofreu isso. E quilombola, para nós, é a nossa ancestralidade, as pessoas que vieram antes de nós, que trouxeram tudo isso no sangue, na cor, na humildade. Pessoas que vieram de longe, pessoas sofridas. Somos descendentes dessas pessoas, que foram escravizadas. Por sinal, a escravidão nunca acabou; a gente é sempre escrava do trabalho. O pessoal às vezes não sabe nem o que é, pensa que ser escravo é viver amarrado, acorrentado. E todo mundo agora acaba sendo escravo de alguma coisa.

Luta pela terra

Na década de 1970 os fazendeiros resolveram mexer conosco, pois não tínhamos documentos da terra. Aí queriam tomar, nos tirar daqui. Eles cercavam tudo durante o dia, mas à noite a gente ia lá, arrancava toda a cerca e queimava. Nessa época tinha uma pessoa, o Moraes, um homem rico, que morava em Icaraí, e ele nos deu apoio. Ele viu todo aquele nosso procedimento, a nossa luta. Tentou nos ajudar, mas ajudar, assim, entre aspas, porque em troca ele comeu um monte de terra. Conseguimos o papel de usucapião, que era para termos pelo menos uma área reservada, que hoje nós temos. Mas ele tomou Icaraí; tomou quase tudo. Gosto de acompanhar a luta de outras comunidades. Agora mesmo fui pra lá de Fortaleza, quatro horas de viagem, participar de um movimento em uma comunidade quilombola. Esses encontros são muito bons, ficamos nos conhecendo, e outras pessoas passam a pensar assim: “Eles fizeram, deu certo, vou fazer também”.

Dois sonhos

Aqui são 170 casas e quase 800 pessoas. Meus dois sonhos são dirigidos a essas pessoas: uma creche e uma escola que tenha até o ensino médio. Todos nós ficamos muito tristes quando nossa creche fechou, faz muitos anos. Mas vamos nos reunir para retomar essa luta. Qualquer iniciativa para esses dois projetos já me enche de alegria, fico emocionada, olha, isso me faz chorar...

FOMOS ATRÁS DO PRONATEC,
QUE JÁ FORMOU ATÉ TURMA DE
ALMOXARIFE.



Maria dos Prazeres Campos dos Santos nasceu no dia 7 de janeiro de 1966, em Caucaia, e ali vive, no sítio Cercadão dos Decetas, hoje comunidade quilombola. Filha dos agricultores José Gomes dos Santos e Maria de Lurdes Campos, tem uma irmã e três irmãos. Líder comunitária, benzedeira, rezadeira, duas vezes casada e mãe de cinco filhos, está sempre articulada com outras comunidades quilombolas.

Até o final da década de 1970 diziam que não tinha índio no Ceará!

A história do povo tapeba se confunde com a história do município de Caucaia. É importante dizer que o relatório provincial de 1863, que aconteceu 13 anos depois da Lei de Terras, era justamente para demonstrar que aqui não tinha índio, mostrar isso às pessoas que vinham de fora ocupar esse território. Então, afirmar que não tinha índio em um relatório oficial da província do Ceará Grande era justamente para incentivar a ocupação desordenada. Portanto, de 1863 até o final da década de 1970 o Ceará era considerado um dos Estados do Brasil que não tinham população indígena. E aí, dom Aloísio Lorscheider, um arcebispo muito popular, visitou a comunidade da Ponte e criou a Pastoral Indigenista. O jornal Folha de S. Paulo noticiou que o povo tapeba estava presente no município de Caucaia, que havia perigo de extinção. Houve uma repercussão nacional muito grande, vieram pessoas da Universidade Federal do Ceará, e o povo tapeba levantou essa luta. Hoje, no Ceará, somos 14 povos indígenas, em 19 municípios, quase 30 mil índios, e temos um Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, resultado dessa luta. As instituições começaram a se instalar, e a Funai veio em 1995 atuar na região.

Ricardo Weibe é indígena da Lagoa dos Tapeba. Atualmente preside a Associação dos Tapebas de Caucásia, a primeira organização indígena fundada no Estado do Ceará, em 1985. Professor indígena e uma de suas principais lideranças, coordena diversas atividades, direcionadas à juventude indígena, de valorização da cultura e das tradições de seu povo, como a medicina ligada à natureza e o artesanato.

A mão dela apagou o fogo na hora

Tinha uma velhinha aqui que era rezadeira, a dona Umbelina. Ela era de outra aldeia, lá de Taboleiro Grande, Santa Rosa, que é dos anacés, mas ela se mudou de lá e veio morar aqui, em Matões. E tinha muita força na oração, tanto pra mordida de cobra como pra fogo nas matas. E por isso sempre foi muito respeitada; ninguém duvidava do que ela podia fazer. O meu irmão mesmo foi curado pela oração.

A dona Umbelina já faleceu, mas se a cobra picar agora, ele não morre. Isso ela falava. E para o fogo era a mesma coisa, a oração tinha o mesmo resultado. Quando o fogo invadia uma plantação de cana, de capim, da mata mesmo, todo mundo que podia corria até a casa dela pra pedir ajuda na hora. E ela ia e apagava o fogo com a oração. Ela foi uma presença viva.

Aconteceu com a gente. Meu pai criava gado e plantava muito capim. No dia da comemoração dos Primeiros Jogos Indígenas, ficamos em terceiro lugar. Estava todo mundo muito alegre, todos nós fazendo aquela festa. E aí soltamos fogos. Mas a faísca do fogo foi pra dentro do capim, invadiu tudo. Aquilo deixou todo mundo bem assustado. Chamamos a dona Umbelina, ela veio com a oração. E a mão dela, poderosa, apagou o fogo.

Ângela Maria é indígena anacé, casada com Raimundo Paulino de Souza. Ao lado de sua irmã, Clélia Ângela, ajudava a família transportando cana-de-açúcar, em jumentos, “por dentro das matas”. As duas não tinham completado 10 anos e sofriam muito quando os animais não suportavam o excesso de peso e caíam. Eram obrigadas a retirar toda a cana, ajudar os jumentos a se levantar e colocar novamente o fardo, continuando a viagem. Todos na família mantêm grande respeito às tradições culturais de seu povo. Clélia e Angélica, uma das filhas de Ângela, fazem parte da Dança do São Gonçalo do Amarante e da Dança do Coco.



Ana Maria de Oliveira Barbosa

Sempre digo que sou indígena, com todo orgulho

Fui adotada no mesmo dia em que nasci, isto é, no dia 6 de setembro de 1950. Eles já estavam lá, prontos para me levar na hora em que nasci. Só fiquei sabendo aos 9 anos de idade, na escola, e achei que era engano. Quando cheguei em casa falei para a minha mãe e ela disse: “Não sei responder nada, pergunte ao seu pai”. Quando papai chegou do trabalho, perguntei a ele: “Agora não posso lhe responder nada, porque estou cansado. Vou tomar banho, almoçar, e depois vamos conversar”. Quando ele terminou de almoçar, me chamou: “Se eu tivesse dez filhos, você seria a primeira, porque não existe maior amor do mundo como você. Eu te adotei porque nunca tive família. Criamos você e a temos para o resto da vida. Só a morte nos separará”.

Pais biológicos

Fui criada junto com as minhas irmãs biológicas, mas não sabia. Nunca deixei de ajudá-los, e os ajudei até há pouco, porque ele faleceu, e ela estava morando com a minha irmã

– já está com quase 90 anos e precisa de alguém ao lado. Só a morte me separou dos meus pais adotivos. Tem 12 anos que o meu pai morreu. A minha mãe vai fazer três anos. Meu pai biológico bebia muito. Ele era de confusão, saía de casa e deixava todo mundo com necessidades, não ligava, ia gastar o dinheiro e voltava sem nada. O pai que me adotou nunca fez isso. Eu fui criada, graças a Deus, com pais pobres, mas com carinho e amor. Nunca fiquei chateada, porque ia passar pelo sofrimento das minhas irmãs se eu estivesse lá. No fim, não me chocou muito.

12 irmãos

Por parte da família biológica tenho 12 irmãos. O mais velho foi achado morto aos 32 anos; nunca soube o motivo. O mais novo foi morto por um assaltante no dia em que estava fazendo 33 anos. Ficaram dez. Via que os meus pais ajudavam muito eles financeiramente, mas achava que era por conta de querer ajudar. Mas quando soube, não fiquei chateada porque já tinha depositado todo o amor e carinho neles, que tinham me adotado, e não ia mais trocar.

A professora e os remédios

Meu pai tinha muito gado, porco e ovelha. Ninguém passou dificuldade porque, quando ele queria, matava e vendia. Para estudar, eu ia longe, pra lá dos Matões, a pé. A minha professora já vai fazer uns 90 anos, dona Cléia. Ela me adora e eu também adoro ela. Agradeço muito por saber alguma coisa, pois ela era bem rígida. No meu tempo, tinha que ir e aprender. E aprendia mesmo. A criançada brincava à noite, na lua clara, todo mundo se reunia no terreiro e cantava roda, batia palma. O problema maior era quando uma criança ficava doente. Meu pai ia buscar um chá, com gergelim, eucalipto, limão e alho. Quando extraía um dente e dava hemorragia, furava uma bananeira, molhava o leite da bananeira e colocava para estancar o sangue. Eu ainda uso. Um pezão de árvore, pé de jucá, é bom para dor nos ossos, pois é anti-inflamatório. Quando a minha coluna está muito inflamada, pego uma casca e faço um chá. E melhora. Há o mastruz, que se passa em cima de alguma pancada, muito bom para espalhar o sangue. A alfavaca o pessoal faz banho para lavar a cabeça quando está com sinusite. Tinha uma senhora que chamavam de dona Ganga, procurada quando a cobra mordida alguém. Ninguém era protegido com bota. Dona Ganga pegava um pedaço de fumo e mastigava bastante. Quando estava aquela godona bem forte, pisava dentro do alho e passava onde o bicho tinha picado. Ferimento de cachorro louco e raposa também. E curava. A primeira vez que vi dona Ganga ela estava fazendo isso no meu pai.

Parar de estudar

Estudei dos 9 aos 16 anos, aí fui obrigada a parar. Mas trabalhei a vida toda. Ia para a aula e, quando chegava, costurava, fazia o serviço de casa. Sei bordar, costurar, nunca parei. Em 1974, quando fiquei viúva, fui ser feirante em Fortaleza, para ajudar meus pais a criar os meus filhos. Do mesmo jeito que me criaram, criaram meus filhos. Eu trabalhava e colocava as coisas dentro de casa para ajudar. Como agora: tenho o meu emprego, a mi-

Ana Maria cuidando do jardim da antiga casa em Matões, Caucaia



nha pensão, mas sábado e domingo vou levar pé de moleque e tapioca em Fortaleza e Caucaia. As pessoas me encomendam, eu faço e levo lá.

Os dois maridos

Conheci meu marido no velório de uma senhora amiga. Casamos no dia 28 de outubro de 1970, e no dia 26 de abril de 1974 fiquei viúva. Tinha três filhos homens: um de 3 anos, o segundo com 1 ano e pouco, e o menor com 11 dias de nascido. Passei dez anos com meus pais. Com 30 anos de idade e dez anos de viúva me casei novamente e tive uma filha. O meu segundo marido se chamava Luiz Gonzaga. No dia 2 de dezembro de 1992 ele faleceu. Minha filha tinha 6 meses de vida. O primeiro marido morreu de infarto. Ele tinha 22 anos, nunca bebeu e nunca fumou. Minhas amigas me dizem: “Mulher, tu não teve sorte com marido. Os seus maridos morreram”. E eu respondo: “Eu não tive? Eu tive muita sorte”. Canso de ver as pobres chorando por aí, pois o marido trabalha por semana, ou mensalmente numa empresa, recebe o dinheiro, coloca no bolso, vai para as farras e chega em casa sem nada. E eu, graças a Deus, não posso falar isso. Nenhum morreu de coisa ruim; acho que foi com a permissão de Deus.

De dia, de noite, de madrugada, a hora que for

Fiz um concurso para agente de saúde e passei. Já faz 22 anos que trabalho, com carteira assinada, e tem sido bom, porque conquistei muitas amigas. E aprendi muito, pois algumas deixaram de ser enfermeiras para trabalhar no Estado, com carteira assinada. Comecei cadastrando todos os moradores. Em 1991, eu tinha 24 famílias. Hoje em dia dou assistência a 192 famílias. Mas tem muito mais de 400 famílias na área toda. Pode

EU FUI CRIADA, GRAÇAS A
DEUS, COM PAIS POBRES, MAS
COM CARINHO E AMOR.



ser de dia, de noite, de madrugada, a hora que for estou pronta para ajudar, para ir ao hospital, passo a noite lá, visito. Se não tiver acompanhante, fico de acompanhante até chegar uma pessoa que possa ter responsabilidade. Se precisar de um curativo, eu vou lá e faço. Se tiver uma pessoa com uma cesárea ou qualquer coisa que não tenha condição de tomar um banho, eu vou lá e faço. É tudo assim. Eu gosto, eu amo minha profissão. Era para ter procurado a minha aposentadoria, porque tenho 63 anos, 22 anos como agente de saúde, mas acho tão bom que não fui atrás da aposentadoria.

Anacé, com todo o orgulho

Ser dos anacés, para mim, começou quando me dei conta de que a pessoa que fundou o cemitério do Cambeba foi o bisavô do meu avô, que era o cacique. Aí me disseram que eu tinha ascendência. Fui e me cadastrei. Vou para a sala de reunião do governador junto com eles. Para onde me convidarem, eu vou, viajo. O bisavô do meu avô foi enterrado ali. Era uma época que tinha uma doença que o pessoal chamava de bexiga, e ninguém podia visitar ninguém. Só os próprios parentes tomavam conta, e quando morria um, eles mesmos enterravam. E foram enterrando. Assim formou-se o cemitério, que hoje em dia é público. Mas nem o Estado teve o direito de demolir, porque foi fundado pelos índios. Eu cresci ouvindo isso. E sou indígena, com todo orgulho. Não me envergonho de dizer que sou indígena. Até agora eu estou segura, não estou triste. Não é porque o meu filho diz: “Eu não quero, não sou”. Isso não me abala. Agora, algumas pessoas não querem se identificar como anacé porque dizem que o índio anda sujo, anda fedorento, só vive de pé no chão. Eu digo: “Negativo! Só os que querem. Quando eu saio, graças a Deus, ando arrumada, tenho o meu perfume, as minhas coisas, não vou andar suja, fedorenta!”.

A comunidade no futuro

Acho que vai melhorar para o povo mais novo. Eles estão se preparando. Meus netos já têm o emprego deles nas empresas. Fazem cursos, outros estão terminando, estudando, prevendo trabalhar. Não é como antigamente, que plantava, trabalhava na agricultura, e agora não tem mais de jeito nenhum. Eles querem ir para as empresas porque lá eles trabalham com carteira assinada e tudo mais. E isso é melhorar o sistema de trabalho. Por isso, meu sonho é ver meus netos casados, cada um na sua casinha. Isso é que é importante. Ter saúde e ser feliz. É isso que vale.

Ana Maria de Oliveira Barbosa, indígena Anacé, nasceu no dia 6 de setembro de 1950, em Olho d'Água, zona rural de São Gonçalo do Amarante. Aos 9 anos descobriu que os pais – João Inácio de Oliveira e Lucíola Torquato de Oliveira – a haviam adotado de um casal que ela julgava serem seus tios – Francisco Bruno da Silva e Maria Mendes da Silva. Trabalhou com costura e vendeu tapioca. Casou-se duas vezes, enviuvou duas vezes, tem quatro filhos. É agente de saúde da prefeitura de Caucaia há 22 anos. Mora nos Matões, Caucaia.



Índio deve se unir e sempre dançar o toré

Nossa casa era uma cabana de palha, e a cama era de talo, cama de vara, forrada com ramo. A gente dormia daquele jeito ali. De pequeno tenho uma história que não gosto muito de contar, mas foi assim: fui uma criança que não teve adolescência, era só trabalhar. Com 8 anos eu já trabalhava, ia para a roça. Plantava arroz, feijão, batata e algodão. E ainda tinha que pescar e fazer artesanato. A ruindade aconteceu quando fui para a escola. Meu cabelo batia na cintura e lá eles cortaram o meu cabelo para eu poder estudar. Nunca mais quis estudo na minha vida, fiquei com muita raiva. Amei mais o cabelo do que o estudo, mas Tupã me perdoa...

Bom mesmo era o ritual toré, uma dança sagrada: dança o toré e se cura com o toré. Todos participam: criança, velho, velha, jovem. Tem canto, tem instrumentos musicais, como o tambor e a maraca. É muito, mas muito bom o toré... Antigamente não havia ninguém que queria saber que existiam os índios, e aí vinham tomando tudo. Ficamos sem terra, sem moradia e sem escola boa. Foi uma vida miserável. Hoje está melhor porque existe uma lei que nos ampara, mas temos que nos unir – os anacé, os tremembé e os pitaguari.

Cacique Alberto, batizado Francisco Alves Teixeira, nasceu em 20 de agosto de 1948, na Mata Queimada, Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, filho de Vitor Teixeira de Matos e Francisca Alves Teixeira. Casou-se aos 13 anos com a índia tapeba Raimunda, com quem teve 12 filhos. Casou-se outras duas vezes. Neto do cacique Perna de Pau, recebeu do pai a designação de cacique ainda criança, o que se confirmou quando tinha 18 anos. Uma de suas lutas é a demarcação de 5 mil hectares de terras no município de Caucaia. Em 2009, como principal liderança da comunidade do Trilho, sofreu com a entrada de policiais a mando da Justiça, que derrubaram parte das casas, na tentativa de expulsar o povo tapeba. Mora na Aldeia Sobradinho, Caucaia.



Maria Ozélia

Agora somos tratados como uma comunidade quilombola

Nossa infância foi trabalhar, ajudar os pais, plantar, colher, cuidar dos animais. Tinha uma festa de São João bem bonita. Em uma dessas festas conheci o José, aquele que iria ser o meu marido. O problema é que ele gostava de beber. Eu lhe pedia para não fazer aquilo, largar a bebida. Por causa disso namoramos quatro anos escondidos, pois meus pais não gostavam dele. Um dia o José me disse assim: “Depois que a gente casar eu paro de beber”. E acredita que parou mesmo?! Hoje está com 65 anos e não bebe de jeito nenhum. Depois do casamento, fui morar nas terras dele, em um lugar chamado Canafístula. Tive meu primeiro filho lá. Minha vida de casada até hoje, graças a Deus, é muito boa. Estamos com 65 anos de casados e nunca houve uma discussão. Somos muito unidos. E os filhos são muito bons. Se a gente pensa em ter uma discussão, eu fico na sala e ele no quarto, pronto, acabou tudo.

Ensinaamentos do pai

Meu pai plantava uns roçados na Sumidade, pra lá do Caucaia, e os filhos ajudavam na colheita. E nesse tempo ele me ensinou a trabalhar. E me ensinou também a ver o proble-

ma dos outros. Às vezes, ele não vendia o que colhia, pois a família era muito grande, preferia alimentar a família toda. Mas não só os filhos, os outros parentes também. Teve uma vez que uma prima iria se casar e ele deixou os filhos irem porque colhemos o feijão todo. E ainda nos deu dinheiro para o esmalte e o batom. Mas pra chegar à casa da prima eram umas cinco horas a pé. A gente saía de madrugada, e às sete horas, oito horas, chegava lá. Era muito longe ir a pé e voltar. Acho que a gente ia só por ser uma festa... Mesmo assim, eu não gostava de sair de casa. Por exemplo: estou nessa idade e nunca na vida tomei um banho de mar, porque meu pai não deixava. Nisso era um carrasco! Mas tenho saudades dele.

Mas quando era menina eu era danada. Olha só o que eu fazia com o meu pai. Como ele gostava de um vinho, eu pegava a garrafa e ia colocando na caneca. Aí, quando estava melado de vinho, sem ver direito o que estava acontecendo, eu pegava a carteira e enchia a mão de dinheiro. Era o pouco dinheiro que ele ganhava comprando gado, para matar e depois vender a carne. E ganhava mais um dinheirinho buscando goma e farinha no Pecém pra vender em Fortaleza.

Nessa época de menina, com uns 12 anos, já estava aprendendo a costurar com uma madrinha minha. Aparecia muita costura pra ela, que me chamava pra ajudar. Fui tomando gosto e aprendendo mesmo. Um dia, coitada dela, o marido encontrou a madrinha caída no corredor da casa deles, degolada com um fio. Pegaram o assassino e o cabra disse que queria o dinheiro dela, achando que ela tinha muito, mas não tinha, não.

Até hoje eu costuro. As pessoas me mandam os tecidos e eu costuro. E aqui as pessoas se ajudam. Eu ajudo na costura, fazendo enxoval para as mulheres que estão esperando neném e são bem pobres. Vêm os tecidos que as pessoas recolhem, e o meu trabalho é costurar as camisinhas, os cueiros, as toalhinhas.

João sumiu na Amazônia

Uma das maiores tristezas da família é o que aconteceu com um irmão meu, o João, que era muito bom de montar a cavalo e podia ter ficado morando conosco. Mas conheceu umas pessoas que disseram a ele que na Amazônia iria ter muito dinheiro, ficar rico, que sobrava trabalho. Decidiu ir, mas deixou uma noiva aqui perto. Como não voltava, a noiva arrumou outro, e minha mãe contou a ele, em uma carta, sobre o novo namoro da moça. Ele respondeu para a minha mãe, dizendo que estava muito desgostoso. Depois disso nunca mais deu notícias, nunca mais escreveu, sumiu no meio da Amazônia.

A professora e a novena

Nós estudamos em um lugar chamado Carassuí; tinha uma escola lá, bem dentro do mato. E todos os irmãos iam a pé, acordando bem cedo, de madrugada, para chegar na hora da aula, que começava às sete da manhã. Mas não dava muita vontade de ir, porque a professora era muito carrasca. Ela colocava os alunos de castigo, batia com a

Maria Ozélia com
seu esposo, José



palmatória. Se a criança fazia uma danação, lá vinha a palmatória. E lá em casa a gente nunca deixava de rezar. Minha mãe fazia a novena de São José, que é em março. Juntava muita gente, todo mundo era convidado. Quando crescemos, meu pai construiu uma capelinha pequena, o padre ajudou, ficou muito bonita.

Em seis meses, meus pais morreram

Meu pai morreu muito depressa. Era um sábado, ele me chamou e disse assim: “Ozélia, veja eu aqui, estou com febre”. Estava quente mesmo. Tinha que ir à mercearia, e quando voltei não estava falando mais. Chamamos o doutor Murilo, que passou a noite medicando meu pai, mas avisou à família que ele não ia sobreviver. Foi um AVC. No domingo ele morreu.

Minha mãe ficou muito sentida. Acredita que seis meses depois ela morreu também? Foi ficando sem graça, sem querer comer, triste, ficou doente e morreu de tristeza. Os dois estão no Cemitério Caranguejo.

Agora é quilombola

Não sei explicar direito como tudo começou, mas agora somos tratados como uma comunidade quilombola. E isso está sendo bom, porque parece que a comunidade se abriu para as outras pessoas. Aqui não vinha ninguém, não tinha nada, nem escola, agora tem. À noite a sala fica cheia de adultos estudando, mulher e homem que querem aprender a ler, a escrever, aprender mais e mais. E teve outra mudança muito importante: agora nós temos uma associação de moradores. Quando é que a gente ia imaginar isso? Não estou dizendo? Mudou mesmo. Sabe a luz? Batalhei seis anos querendo energia elétrica aqui e não vinha. Até que um belo dia ela chegou. Era tudo escuro; de noite era uma escuridão só.

ACREDITA QUE SEIS
MESES DEPOIS ELA
MORREU TAMBÉM?



A televisão

Tem um caso engraçado: um dia, meu marido entrou em casa do trabalho, não eram nem nove da noite, e três meninos não estavam. Tinham ido longe, mas bem longe, a pé, ver a novela “Jerônimo”. Ele ficou bastante chateado. Os meninos chegaram quase de madrugada, meu marido nem viu, já estava dormindo. Acordou cedo para ir trabalhar, umas quatro da manhã, e foi embora. De noite ele trouxe uma televisão, que tinha comprado na cidade, que era para os meninos não terem mais que sair de casa.

Chegada do Pecém

E também aconteceu muita mudança com a chegada do Pecém e a obra do porto. Era muito jovem desempregado, e isso mudou. Pelo menos na minha família são uns quatro trabalhando; um neto trabalha no mar. E as pessoas que trabalham lá vão de ônibus, que passa e leva todo mundo. E vai melhorando aos poucos. Antigamente a gente ia até Caucaia fazer compra, agora tem bem pertinho. Uma cunhada minha, a Francisquinha, abriu uma mercearia, ficou mais fácil conseguir as coisas. As comidas maiores a gente compra no Icaraí, como carne e peixe. Meu filho vem aqui, pega o pai, e eles vão fazer compras. Não gostam de me levar, dizem que gasto o dinheiro todinho.

Nós somos tranquilos aqui onde vivemos, porque temos todos os documentos da posse da terra. O título está em nome da nossa família, então não tem briga. Sou muito feliz, minha família é maravilhosa, e é isso o mais importante.

O que eu não gosto mesmo é de sair daqui e ir a algum lugar, porque tenho muito medo da violência. Nem sair de carro daqui eu gosto. Tem um filho meu que se casou, mas não deu certo com a mulher, e ele mora conosco. Trabalha de piscineiro em um clube e eu falo com ele todo dia para tomar muito cuidado na rua.

Mas a minha família é uma família bastante feliz, graças a Deus. Na procissão de São Francisco, que é no dia 4 de outubro, nós cantamos um canto que é de dar a bênção de Deus a cada família, e isso é o que vale na vida. O canto diz assim: “Abençoa, Senhor, as famílias, amém. Abençoa, Senhor, a minha também”.

Maria Ozélia dos Santos Marques, uma dos 13 filhos de Maria Joana de Souza e Raimundo Gomes dos Santos, nasceu e vive no sítio Cercadão dos Decetas – hoje comunidade quilombola –, em 24 de abril de 1935. Casada há 65 anos com José, eles têm 12 filhos, e todos moram perto. Devota de São Francisco de Assis, divide seu dia entre a costura – faz enxoval para gestantes pobres – e o cuidado com a casa. Quatro pessoas de sua família trabalham no Pecém.



Agarrei a bola e caí. Correu o boato de que eu tinha morrido

Eu gostava de jogar no gol, mas meu pai não queria. Sou baixinho e era goleiro. O Raimundo Alves fez um campo para a meninada e todos os domingos tinha jogo. Ele era alto, forte e dono do time. Um dia, me desafiou em uma falta, disse que a bola passava. E ele chutava com força. Eu falei assim: “Pode chutar, pode mandar”. E ele chutou. Mas pra fazer boniteza, agarrei a bola e caí no chão, que era pra todo mundo ver como não ia passar gol em mim. Peguei a bola, mas caí. Aí, quando acabou o jogo meus pais já estavam vindo correndo, pois havia corrido o boato de que o Raimundo quase tinha me matado com a força da bola. Disse para o meu pai: “Não, caí pra fazer boniteza, mas a bola eu encaixei, não foi gol, eu encaixei. Caí porque quis mesmo”. Meu pai foi duro comigo: “Mas não jogue mais...”. Daí, pronto, não deixaram, e não fui mais para o jogo, parei de jogar ainda novo. Nesse tempo, quando os pais diziam uma coisa a gente tinha que cumprir. No tempo que vivia com eles levei uma lapada só. E pronto, não careceu mais. Hoje, um menininho faz o que quer, não faz conta de pai nem de mãe. Naquele tempo a gente obedecia aos pais.

Expedito Paulino dos Santos nasceu no dia 13 de fevereiro de 1932, em Caucaia, caçula dos sete filhos dos primos Luiz Paulino do Nascimento e Maria da Conceição dos Santos. Seu pai era agricultor, pescador de siri e camarão e caçador de jacu. Trabalhou desde cedo para ajudar os pais, e se divertia, com os irmãos, caçando com a baladeira, especialmente o punaré, um mamífero roedor. Ficou apenas dois anos na escola. Casou-se em 1958 com uma prima, e tiveram dez filhos. Para sustentar a família, plantava tomate, pimentão e verduras, e vendia no Pecém a pequena produção. Aposentado, os filhos e os netos não permitem que ele trabalhe. Mora nos Matões, Caucaia.



Valdenice

Os mais novos suportam bem; os mais velhos sentem muito

Meu pai era da Polícia Militar, vivia de cidade em cidade. Quando muito, eram cinco meses em cada uma. Minha mãe ficava grávida em uma cidade, ia ganhar o neném em outra. Ela teve 15 filhos, cada um em uma cidade diferente. Muitos irmãos morreram – de 15 ficaram quatro, só as mulheres. Não tinha medicina, só os brancos e ricos tinham direito a uma consulta. Vim saber de medicina quando tive meus filhos. Era tudo bem difícil. Eu, por exemplo, fui alfabetizada em casa, depois fui à escola. A professora nada recebia. Nessa escola fiz até o terceiro ano. Aí parei, não podia estudar, pois tinha que ajudar a criar os meus irmãos. Isso foi quando minha mãe morreu, em 1963, eu tinha 11 anos. Ela teve problemas depois do parto da minha irmã mais nova. Imagine que ela pariu em cima de um caminhão. Ficou doente, doente, chegou o momento de partir.

Pai criou os filhos

As crianças ficaram nas mãos do papai. Ele, se a gente comparar, era como aquela galinha que esquentava os pintinhos debaixo das asas. Mais tarde ele se casou com a prima do meu

marido. Depois teve que se aposentar – sofreu um acidente de carro, fraturou a bacia, não podia mais trabalhar. Mas a família estava sempre junta, nas festas, nas danças, nas novenas. Havia o rosário de Nossa Senhora da Saúde e de Santa Luzia, protetora dos olhos. A vida seguiu assim até os 14 anos, quando saí de casa para me casar pela primeira vez, com o meu primeiro namorado. Meu pai não queria, mas sou bem teimosa. Não deu certo; um ano depois já estava separada. Tive um filho com ele, mas perto de completar um mês ele morreu. Não chegou nem a ser registrado.

Segundo casamento

Conheci outro rapaz, ele simpatizou comigo, foi mais de um ano para eu aceitar. E ainda era bem novinha, tinha 16 anos. Ele falou com o meu pai: “Simpatizei muito com a sua filha, queria muito viver com ela. Com a convivência a gente se casa”. Aí vim morar em Matões. Já tinha ouvido falar daqui, mas quando cheguei era muito difícil, aqui era mata, só tinha cavalo. Quando a gente gosta e tem amor vai longe, não quer saber que jeito é. E quando cheguei aqui enfrentei a vida. Uma casinha de palha, só duas paredinhas de palha, tudo aberto. Fomos indo, e graças a Deus até hoje vivo aqui.

Ser índio

Os mais antigos sabiam que aqui era terra indígena. O que acontece é que houve muita briga no passado, com derramamento de sangue, e muitos índios não gostavam de dizer que eram índios. Por isso ficavam calados, mas na realidade o povo é um povo só. A chegada do porto do Pecém nos ajudou bastante, pois fez o povo se levantar e se fortificar na luta. Olha só, o meu sogro, bem antes, dizia assim: “Meus filhos, vocês sabiam que são índios mesmo? Nós somos índios”. Mas ele não dizia o nome porque tinha medo. Depois isso mudou, porque começou a haver mais união, e também todos começaram a ter orgulho de ser índios.

Sair do lugar

Acontece que vieram medir para passar a via férrea, para construir outra estrada, um encanamento, e aí comecei a me sentir muito mal, muito mal mesmo. Eles dizem assim: “Essa terra aqui vai ser indenizada, vocês vão sair daqui porque não podem ficar”. Eu disse a uma parenta minha: “Mulher, pelo amor de Deus, quando se fala num negócio desses, como é que vai ser? Isso não vai ficar só lá no mar, isso vai se estender, e pra qual lado?”. Aí eu dizia assim: “Pronto, vão tomar isso aqui tudo”, e é o que está acontecendo. Isso fez o povo ter força, garantir que nós somos e somos mesmo.

Bichos

Por causa do barulho, dos caminhões, muita coisa mudou. Tinha pássaro, tinha tudo, e agora não tem mais. Os bichos vão procurando onde ficar. Até as cobras. Elas não têm inteligência. A inteligência é ir para a mata, mas em vez de ir para a mata vêm pra banda das casas. Na minha casa apareceu uma cobrão de dois metros de comprimento, enorme. E muitas morrem, elas vão atravessar a estrada, os carros matam. Ah, e mata o teju

Valdelice e família em sua casa em Matões, Caucaia, 1995



também, que é um réptil, como uma lagarta. A gente tira o couro e come. A carne é gostosa, se fizer bem-feita enche a barriga. Antigamente eu comia muito.

Cemitério do Caranguejo

Vamos ser removidos daqui, realocados em uma reserva no Alto do Garrote, perto do Cemitério do Caranguejo. No início dizia que não ia, fiquei quase doida, vivia chorando e pensando: “Meu Deus, como vou sair daqui? Como vou deixar isso aqui e ir embora pra um canto que não conheço?! Não conheço ninguém, só os parentes que moram um pouquinho distante, nem tenho conhecimento com todos. Será que lá tem as plantas que eu tenho conhecimento? Vamos fazer tudo aquilo que já foi feito aqui? Será que ainda tenho o direito de comer uma fruta que plantei aqui?”.

Morreu ao lado do túmulo

Ainda tenho muitas lembranças dele. Ele se matou, se envenenou. Foi até a catacumba do meu filho, se fechou lá, e lá se matou. Saiu daqui falando que ia fazer um trabalho, fiquei em casa cuidando do almoço, esperando que ele voltasse. Meu filho estava fazendo um serviço nos Matões, na terra do sogro dele, e teve um pressentimento, pois o tempo estava mudando. Ele disse a um amigo: “Rapaz, o tempo está tão mudado, parece que vai

morrer gente conhecida. Neste lugar, quando o tempo fica desse jeito, é que vai morrer gente conhecida”. Na realidade, a gente tem um pouco de experiência do tempo passado, e era assim. Se o tempo mudasse ia morrer um conhecido, ia acontecer alguma coisa. O tempo fica triste, os galos cantam dois dias diferentes e vêm as tragédias. Meu marido não aguentava de saudade do filho. O nosso menino morreu atropelado aqui perto, na rodovia. Estava andando de bicicleta, tinha 15 anos, faltavam sete dias para completar 16. Foi um carro pequeno, um rapaz que estava terminando o curso de medicina. Ele me deu uma indenização, acabei melhorando nossa casa.

Pajés, caciques, benzedeiras

O nosso povo se reúne bastante. Fazemos reunião sobre educação e saúde. Eu faço parte do Conselho de Saúde. Graças a Deus estamos bem avançados. Somos umas 50 famílias aqui nos Matões. E acontecem também os encontros de pajés, de caciques e benzedeiras. Eu não benzo, mas faço óleos, como o de angico e o de mastruz. O de angico serve pra inflamação. Você tem um ferimento, um acidente, o óleo renova aquela carne, aqueles pelos. Serve pra dor muscular, para a garganta. E o óleo do mastruz é bom para o tórax, cansaço, pneumonia e tosse.

Lembrança e tristeza

Daqui a uns anos ninguém vai saber onde morava. Em primeiro lugar, por causa da derubada das matas e das plantas. Depois, as casas serão derrubadas. Como alguém vai identificar onde morava? Eu sei porque conheço, sei localizar os pontos onde moro hoje. Mas daqui a algum tempo vai ter somente lembrança. E muita tristeza, só isso. Quando lembro de chegar aqui, tudo mato, aquela dificuldade, e depois ter conseguido construir tudo, construído minha família e agora deixar tudo, é muito triste.

Estou bem perto de completar 60 anos, cheguei aqui com 19. Só Deus sabe o que vai ser, não só de mim, mas do povo todo. Os mais novos suportam bem, os mais velhos sentem muito. Eu choro tudo o que vamos perder. E choro de alegria, pensando se os parentes vão ficar juntos. Mas, meu Deus, será que lá é bom? Será que vai ser a mesma coisa? Será que vamos demorar muito tempo? Vai haver a união, vai ter o fortalecimento desse povo com a saída daqui pra outro lugar? A reserva vai se chamar Taba dos Anacés, e lá vão morar 158 famílias, em 543 hectares. Tomara que o novo lugar seja bom mesmo para todo o nosso povo.

A CHEGADA DO
PORTO DO PECÉM NOS
AJUDOU BASTANTE, POIS
FEZ O POVO SE LEVANTAR

Valdenice Fernandes de Moraes, indígena Anacé, nasceu no município de Morada Nova, no dia 13 de outubro de 1954. Filha de João José Fernandes e Delzuite Lopes de Souza, seus pais tiveram 15 filhos, 11 dos quais morreram. A mãe morreu após complicações no parto da última filha, quando Valdenice tinha 11 anos. Aos 14 anos casou-se pela primeira vez; separou-se, casou-se novamente.



Sofri muito, muito mesmo, não gosto nem de lembrar

Quando eu e a minha irmã íamos para as festas, a gente deixava uns pedaços de paus enrolados dentro da rede, pra minha mãe achar que as filhas estavam deitadas, dormindo. Uma vez ela nos pegou e meteu a peia.

A minha infância não foi essas coisas, não. Logo quando ainda ia fazer 12 anos conheci o pai dos meus filhos mais velhos. Não tive muita oportunidade de brincar, de ser criança. Acho que me juntei mais por medo. Eu não tinha amor, mas ele me ameaçava. Passei 19 anos casada, mas sofri muito, muito mesmo, não gosto nem de lembrar. Mudei de cidade, vim para o Bolso, fazia faxina para alimentar os filhos. Um tempo depois conheci uma pessoa, era meu primo, o Jucinaldo. Isso faz 16 anos; temos dois filhos. Vou viver com ele até o fim da vida. Aí nos mudamos e estamos aqui no Assentamento Nova Vida.

Sofri mais ainda quando minha filha, a Andreia, tomou veneno e se suicidou. Ela estava com uma depressão profunda, mas ninguém acreditou quando ela fez aquilo. Isso tem oito anos. E agora uma outra filha ficou doida varrida, não conhece ninguém, não me reconhece. De qualquer modo, olhando pra trás, não tenho raiva de ninguém, ninguém tem raiva de mim. Eu gosto de todo mundo, todo mundo gosta de mim.

Maria da Paz Teófilo da Silva nasceu em Fortaleza, no dia 28 de junho de 1965, filha dos agricultores Maria Nogueira Teófilo e José Teófilo da Silva, que tiveram 12 filhos, seis dos quais sobreviveram. Estudou muito pouco, pois era obrigada a cuidar dos irmãos menores. A mãe, rigorosa, não permitia que as filhas frequentassem festas. Conheceu seu primeiro marido quando tinha apenas 12 anos, e aos 13 já moravam juntos. Ele era alcoólatra e espancava Maria da Paz. Mudou-se com os quatro filhos quando soube que o marido, havia nove anos, tinha outra família. Uma de suas filhas se suicidou e a outra passa atualmente por sérios problemas neurológicos. Mora no Assentamento Nova Vida, Parada, São Gonçalo do Amarante.



Maria Vênus

Tente reunir a tradição cultural e o progresso: o que acontecerá?

Quando nasci, a gente morava numa casa de tapera, de barro. Minha mãe com 15 anos e meu pai com 18. Os avós tinham um poder muito grande dentro das famílias. Eu era a primeira neta e meu avô disse para os meus pais: “Vai se chamar Vênus; se for homem, é José. Vênus, devido à nossa religião católica. Se for mulher, Maria Vênus”. Mas Vênus é um planeta, e na mitologia grega era Afrodite, a deusa do amor. Fiquei Maria Vênus. E não é nome artístico, olha só...

Lugar de brincar é no cemitério

Minha infância foi brincando dentro do cemitério. Eu trocava as cruzes dos defuntos, levava flor de defunto pra casa. O dia mais feliz era o de Finados, pois passava mais gente na minha porta. Aprendi com meu avô histórias de assombração. Certo dia, minha mãe me disse que de madrugada tinha ouvido batidas na porta. Ela se levantou, não havia ninguém. Mas quando ela passava pela cozinha, viu a florzinha dentro da água, e a flor começou a balançar. Aí pronto: “É a dona das rosas que a Vênus foi pegar no cemitério e que veio buscar a flor”. De manhã ela me contava: “Minha filha, pelo amor de Deus, vai deixar essas rosas que a mulher já vem buscar”. Pura imaginação.

Maratona de Conto de Assombração

Minha mãe era costureira, meu pai era pescador, agricultor e caçador. Ela nunca me ensinou a costurar. Eu cuidava dos irmãos mais novos e vendia dindim nos campos de futebol. Depois ele colocou um bar e uma rinha de galos. Acho que a gente trabalhou assim uns dez anos. Mais tarde encontrei uma pessoa que é hoje o meu marido. Eu já estava concursada, trabalhava na Escola da Passagem como diretora, na periferia de São Gonçalo. Casei-me e decidi ter filhos.

Pois bem. O Sesc chegou a São Gonçalo e teve seleção pra coordenador pedagógico. Passei. Criamos lá um grupo de contação de histórias. As meninas contam histórias, eu também conto, e vêm as senhoras idosas, o seu João Tito, a dona Mazé Barbosa, esse povo todo.

Contar história é fácil. Todo mundo sentado, faz uma roda, dá muita história. Depois fizemos, ainda no Sesc, a Maratona dos Contos de Assombração. Falei para as pessoas: “Puxa vida, vocês gostam de conto de assombração, eu também gosto. Pois então vamos fazer uma maratona de conto de assombração em São Gonçalo?”. Eles toparam e todo mês de outubro nós fazíamos. E com isso começamos a organizar a cavalgada com os vaqueiros; demos o nome do vaqueiro Raimundo Onça à cavalgada, que era o mais antigo.

Carpideiras

Minha vida é sempre de unir duas pontas. Nessa época de criança vi muito enterro primitivo, aquele que leva o defunto em uma rede para o cemitério. E esse enterro eu procurei reviver: quando fui à Mostra no Sesc Cariri levei as carpideiras aqui da região. Elas cantavam excelência nos velórios. Como não existia a funerária, a carpideira ajudava o sujeito a morrer, vestia ele, arrumava para o cemitério. A família chamava: “Chama a dona Maria Silvina, ele já está querendo se despedir”. E ela vinha, começava a cantar e encomendar o corpo. Quando sentia que estava fazendo a viagem, ela dizia: “Chame a família, traga a vela”.

Vi muito isso. E na Mostra Cariri convidei dona Maria Silvina para encenarmos um enterro. Ela está bem velhinha, mas aceitou e disse: “Quem vai fazer o papel de morto? Quem vai na rede?” Ninguém queria. Eu disse: “Eu vou, tem que acontecer. Deito na rede, me fecho aqui e vocês me levam”. Ela orientava que meus pés não podiam ir para o nascente, tinha que ser a cabeça. Toda a tradição estava voltando ali. Mesmo sendo uma encenação, não permitia que não fosse do jeito dela. E era melhor não discutir... vai que você morre!

Secretaria de Cultura

Recebi o convite do prefeito para ficar à frente da Secretaria de Cultura do município. Na Secretaria sou um instrumento de aproximação, não de divisão. Pretendo trabalhar



com projetos que durem 20, 30 anos. Temos em São Gonçalo um celeiro de cultura, sem deixar de dar oportunidade a pessoas que vêm da Coreia, de outros Estados. Temos aqui a prata da casa, gente que toca no Coco do Pecém, os mestres Mirandinha, mestre Aldenor, seu Chico da Rosa. Tem a Dança de São Gonçalo, os índios anacés, os meninos dos Matões, que fazem a Dança de São Gonçalo, cordelistas, poetas, ritmos como o *hip hop*, o *free step*. E tem ainda a culinária, a tapioca, as casas de farinha, com geração de emprego e renda, o artesanato que precisa de incentivo. Faz poucos meses que entrei nessa gestão, e estou de corpo, mente, alma e coração.

Existe um grupo de 70 mulheres que trabalha com a arte do crochê. Chama-se Arte Fio e estão ganhando dinheiro para colocar dentro de casa o que não conseguiam. Essas mulheres já têm agora brilho no olhar, se perfumam, estão mais felizes.

Fundi duas associações – sou doída por essa história de associação. Eu acho que a associação tem um poder fantástico na vida de cada um e na sociedade. Fundi a Associação Metamorfose do Sertão, que é dos reisados, e a segunda é a do Movimento Artístico Reunido de São Gonçalo do Amarante.

Reisado

No reisado, quanto mais feio e quanto mais papa-angu tiver, mais bonito fica. O papa-angu puxa o boi, brinca com o boi e diz os relaxos perto do boi. Fica uma festa superengraçada, as pessoas não param de apreciar. O Reisado Metamorfose do Sertão, por exemplo, é convidado pelas famílias para ir tirar reisado nas casas. E como reza a tradição, vamos para o terreiro. O ponto forte do reisado é o boi. Toda a comunidade participa da festa, e no final matamos, partimos e ressuscitamos o boi. A criançada adora, fica gritando “lá vem o reisado, lá vem o boi”.

As crianças adoram ver o boi dançar. O boi dança valsa, dança o xote. E no miolo do boi fica o artista principal. O reisado é a história de um vaqueiro empregado de uma fazenda. A esposa (personagem Catirina) do vaqueiro engravidou e desejou comer a língua do boi mais importante da fazenda. O dono do boi não queria que ele morresse. Mesmo assim, o vaqueiro mata o boi para agradar a mulher. O dono do boi exige que o boi seja ressuscitado. Este é o contexto da brincadeira.

Já andamos muito com esse reisado. Fizemos brincadeiras em locais abertos e fechados, mas pra brincar reisado não tem lugar melhor do que o terreiro de uma fazenda, e depois terminar com o povo comendo a galinha caipira com o pirão escaldado, que o dono da fazenda sempre oferece. E no reisado há várias gerações – a criança, o idoso, o jovem e o adulto, todo mundo está no reisado. As músicas do reisado são simples e são de domínio público, bem fáceis de memorizar. O vaqueiro canta e o público repete: “*O bichinho é bonitinho, quer dinheiro pra gastar*”. Aí todo mundo responde: “*O bichinho é bonitinho, quer dinheiro pra gastar / Vamos, vamos minha gente / entre nessa roda / dê um passo, chega em frente / diga adeus e vá embora*”.

Tradição cultural x progresso

Agora, pega isso tudo e compara com o progresso, que chegou muito depressa. A gente esperava que viesse mais lentamente, mas com o progresso, tudo acaba mudando: as casas, os hábitos das pessoas, tem mais festas. O progresso está na porta. As pessoas chegam aqui, muitos delas de olhinhos puxados. Muitos passaram e deixaram sua marca; se foi positiva ou negativa, isso está na vida de cada um, de quem vivenciou. Percebo é que São Gonçalo precisa entender como o fenômeno está acontecendo. Hoje somos 47 mil habitantes; daqui a cinco anos vamos pensar em 100 mil habitantes, não tenho dúvida. Ponto positivo é as pessoas terem oportunidade de emprego, de capacitação. A siderúrgica abre portas pra muita gente. Há pessoas que chegam com interesses econômicos gigantescos, querem morar e transformar sua vida em algo melhor. Falta estrutura para essas pessoas, mas com certeza o tempo vai dando conta. Desejo que a siderúrgica ofereça cada vez mais condições de avanços nas demais áreas, como saúde e educação. A cultura é a cereja do bolo, aquela que ninguém vê, mas se nota a diferença quando retirada.

Devemos pensar São Gonçalo economicamente bem, pensar São Gonçalo culturalmente bem. Vamos ver se a gente consegue fazer isso juntos...

MINHA INFÂNCIA FOI BRINCANDO
DENTRO DO CEMITÉRIO.



Maria Vênus de Andrade Cunha nasceu em 22 de outubro de 1971, quando São Gonçalo do Amarante “era uma família só”. Seu nome é influência do avô, e na infância as brincadeiras aconteciam dentro do cemitério. Trabalhou no Sesc durante muitos anos, o que consolidou sua luta em favor das tradições culturais da cidade e da região. Atualmente é secretária de Cultura de São Gonçalo, e trabalha incansavelmente em favor de diversos grupos locais, das rendeiras aos jovens do *hip hop*. Mora no Centro de São Gonçalo do Amarante.



Uma lamparina na janela

Fui criada pela minha avó, que morava bem pertinho. No estudo eu conhecia toda a cartilha, já sabia ler e escrever. Os livros do primeiro e do terceiro ano, por exemplo, eu lia todos. O pessoal se admirava porque aprendi a ler “ligeiro”. Minha irmã, que mora em Fortaleza, não sabe ler nem escrever e nunca ligou pra isso. Ela estudava, mas não tinha nenhum interesse. Ela só sabe fazer o nome. Era pra eu ter estudado mais, mas não tinha por aqui quem ensinasse. Aí eu parei. Tinha vontade, mas em Paracuru é muito longe. Havia o Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral. Eu fui porque quis, pois já sabia ler. Aí conheci o meu futuro marido, e namorávamos na sala. Como não havia energia, minha avó colocava uma lamparina na janela pra clarear o ambiente. Depois a minha avó morreu e fiquei com a minha tia. Já morava com ela quando me casei. Ela gostou do meu namorado quando cheguei com ele. Eu me casei e fiquei lá mesmo, dentro de casa – ele também gostava muito dela, que também faleceu. Nós nos casamos faz 43 anos. Vivemos muito bem aqui, é calmo e tranquilo. O grande problema é mesmo o transporte, pois tudo fica muito longe.

Maria Zenite Alves Barbosa nasceu em Apuiarés, no dia 10 de agosto de 1953. Uma dos seis filhos de Gilberto Henrique de Souza e Maria Conceição Alves, casou-se em 1969 com José Maria Barbosa, com quem teve seis filhos. Morou oito anos no Pará, experiência que não a agradou. Em 2000 mudou-se da praia o Munguba, em Paracuru. As filhas continuam morando na região. Estudou até os 13, 14 anos, e sabe ler e escrever com desenvoltura.



Peguei meu filho no escuro, saindo da barriga da mãe!

Na comunidade tinha uma parteira, minha mãe. O nome dela era Francisca Pinheiro da Silva. A maioria desses meninos que moram na região de Gregório quem pegou foi ela. Era debaixo de chuva, trovão, relâmpago, ela saía e ia. Mas não foi só ela quem fez parto, não. Eu peguei meu filho, e não foi de luxo, peguei o filho mesmo. Minha mulher estava sentindo que ia ter o neném, eu saí pra chamar minha mãe, mas ela se atrasou um pouco. Fui e peguei o menino. Aí, só fiz pegar, juntar, e ela cortou o umbigo. E parteira é aquela que corta o umbigo, não é mesmo? Eu aprendi com a minha mãe. E peguei porque foi o jeito, não ia deixar cair no chão, não dava tempo de ir ao hospital. A Lúcia estava bem, sem sentir nada. Aí deu uma dorzinha de cólica, ela sentou na cama e ficou esperando. Deitou, a lamparina estava apagada e não tinha energia. Ela se enrolou e sentiu um estalo, era a bolsa que tinha se rompido – o menino vinha com tudo. Ele foi chegando, não deu tempo nem de acender a luz, peguei o menino no escuro. Mas foi muito rápido, depois deu uma tremedeira, a Lúcia não se sustentava em cima da cama de jeito nenhum. Nunca vi, o menino parecia peixe, pulou de dentro pra fora, um meninão. A minha mãe veio, pesou o menino, adivinha quantos quilos? Quatro quilos e meio! Chama-se Luciano.

Hernanes Pinheiro da Silva nasceu na comunidade do Gregório, em 7 de novembro de 1972. Casado com Lúcia Silva Pinheiro, que nasceu em 13 de março de 1968, trabalhou como agricultor toda a sua vida. Hoje, trabalha como ajudante geral em uma das empresas da região, e a família mora no Assentamento Nova Vida. Hernanes é filho de Francisca Pinheiro da Silva, a parteira da comunidade, e certamente foi o que o ajudou a fazer o parto do próprio filho.

A rezadeira não queria rezar e achei que meu filho ia morrer

As rezadeiras só rezavam até 5 horas da tarde. A gente perguntava o motivo e elas não respondiam. Meu filho Júlio adoeceu, eu peguei o menino e fui a Caucaia, onde tinha uma rezadeira. “Trouxe essa criança para a senhora rezar nele.”; “Mas não rezo depois das 5 horas.” Pronto, vai morrer. Já estava criando uma capa amarela na vista do menino. Quando saí do portão, a ajudante me disse que ela queria me ver. “Eu disse que não rezava depois das 5, mas vou rezar no seu filho.” Fui para a cozinha, ela mexeu nas coisas dela, botou algo na mão, esfregou e disse: “Depois das 5 não rezo porque só se reza até antes de o Sol se pôr. Quando ele se põe não adianta. A enfermidade que tem numa criança vai com ele e a criança está livre. Depois das 5 horas não tem mais como”. Mas aí me pediu pra segurar o Júlio de cabeça para baixo, deu duas palminhas no bumbum dele, ele deu dois gritos: “Esse aqui não morre, mas você vai chegar em casa e não vai dar banho nele. Se por acaso ele se sujar, se obrar, urinar, faça só limpar, mas não banhe, porque se você banhar a reza não vai servir”. Aí eu disse: “Amém”. O menino já está um rapaz.

Antônia Maria Silva de Souza nasceu em 19 de junho de 1960, na cidade de Caucaia. Mora no Capuan, é professora, foi diretora de escola, hoje está aposentada. Atualmente ajuda a recuperar a história e a memória dos remanescentes quilombolas, inclusive os seus ascendentes. Trabalha na associação de moradores, pesquisa a árvore genealógica dos moradores e luta para não se perderem as tradições ligadas ao artesanato.



Ana Virgínia

Temos que contar nossa história, para no futuro saberem que tinha alguém aqui

Meu pai ia e voltava para trabalhar em Fortaleza. A família morava em um lugar chamado Gregório, município de São Gonçalo. Na época tudo era muito difícil. Ele era dono de um terreno, mas não tinha como sobreviver, não tinha dinheiro pra comprar comida. E os filhos vieram: quatro, cinco, seis filhos. Eu e meus irmãos – Antônio, Sandra, Sílvia, Adriana e Andrea – estudamos aqui. Eram só duas classes na escola. Eu fiz até a quarta série, depois completei o segundo grau em Fortaleza. Apesar disso, nossa infância foi boa demais... passava o dia todinho no roçado, na casa do meu primo, apanhando milho e feijão.

A gente ia bem cedo para o roçado e levava tapioca com café. O milho era assado e comido às 9 da manhã. Na hora do almoço a criançada comia o feijão maduro. Às 5 da tarde todos vinham embora. A única coisa meio difícil era o trabalho, porque a gente sempre precisava de um dinheirinho pra comprar uma coisa ou outra. Nossa sorte é que era difí-

cil as crianças ficarem doentes. E quando um ficava, minha mãe pegava guabiraba – lá em casa tinha muita –, fazia suco, dava para os filhos e pronto.

Na adolescência eu ia muito à igreja evangélica, no Pecém. Meu pai bebia muito. Bebia não, bebe. E por isso eu sempre gostava de procurar Deus.

Lata d'água

Mas o que era bom mesmo era a água, uma delícia. A minha mãe pegava uma lata em que havia uma negra desenhada, era de óleo Pajeú. A mãe furava a lata, tirava o fundo, ajeitava a boquinha, a gente cavava um buraco, enfiava a lata na terra, e a água jorrava. Ela vinha natural, bem docinha, como água mineral. Hoje em dia a gente só falta morrer de cavar – não dá mais água. Infelizmente, temos que comprá-la. Vem o rapaz e nos vende água. Para beber temos, mas pra tomar banho, por exemplo, precisamos comprar.

Ajudando a família

Bem cedo tive que trabalhar para ajudar meus pais. Deixei os estudos de lado e fui trabalhar como doméstica quando tinha 5 anos. Uma vizinha disse para a minha mãe: “Mulher, tu tem muitos filhos, me arranja pelo menos uma menina dessas pra ficar aqui em casa e ajudar a brincar com o menino”. O menino era bem gordão e eu parecia um palito. O menino me dava soco, eu caía pra trás. Depois ela me falava: “Não me leve a mal, lava só esses pratinhos”. A pia cheia. “Ô, mulher, não me leva a mal, não, passa a vassourinha aqui.”; “Agora tu passa o pano.”; “Filha, lava o banheiro que está sujo.” Terminava a casa todinha. O pagamento era uma cesta básica. Como tinha que ajudar meus irmãos... Minhas duas irmãs trabalharam assim. Uma entrou com 7 anos, a outra com 9. Eu passava um ano em uma casa, em outras três meses. Minha mãe via que estavam me maltratando muito, como se fosse escravidão.

O professor chegou lá em casa e disse assim: “A Virgínia está?”, que ele me chama de Virgínia, todo mundo me chama de Ana. A minha irmã disse: “Tá, por quê? Quem é você?”. “Sou o namorado dela”. Eu só na minha, lá dentro: “Eta bicho mentiroso, nem estamos namorando”. Aí pronto, a gente começou a andar junto. Casamos no civil, dois anos depois nos casamos na igreja.

Comecei a namorar com o professor

Acabei me casando aos 22 anos, terminei meus estudos aos 24 e tive a minha primeira menina, a Esther. E me casei com um professor, que dava aula de Matemática. Namorava outro rapaz, mas ele ficou com uma dona. Bati nele, de bater mesmo, e falei assim: “Tu me passou a dona nas costas, agora vou lhe passar um negão na tua cara”. Comecei a namorar com o professor, mas era mais pra fazer raiva no outro. Nessa brincadeira, daí uns seis meses me casei e agora vou fazer 17 anos de casada.

“Ela está morta”

Quando a Esther tinha 3 anos engravidei de novo. O bebê ficou nas trompas, deu hemorragia interna e estava com mioma. O médico me disse que não estava grávida, mas estava, sim. Com três meses fui para o hospital muito mal, cheguei lá e fui passar por uma cirurgia. Operei na quinta, no domingo tiveram que me abrir de novo, deu hemorragia interna. Com oito dias que estava em casa, caiu um saco de bolachas em cima da minha barriga. Tive que voltar para o hospital, passei 15 dias internada, ficou um sangue pisado. Tiveram que me abrir de novo. Eu tive infecção, me drenaram, fiquei sem falar, sem me mexer, a febre lá em cima. Passei dois dias na UTI. No segundo dia, os médicos disseram: “Essa daqui não tem mais jeito, amanhã ela está morta”.

Manto sagrado

Aí chegou a minha mãe. Pedi força a Deus e consegui falar: “Mãe, pega a minha foto e passa num manto sagrado, tenho fé em Deus que amanhã vou sair daqui com os meus pés”. A mãe entregou a foto à vizinha, que passou no manto sagrado. Quando eram umas 8 horas da noite senti e vi aquele homem, todo de branco, um manto enorme. Ele chegou, colocou as mãos nos meus pés e fez um “ssshh”, pedindo silêncio, parecia um Sonrisal. E saiu passando as mãos no meu corpo todinho – barriga, pernas. Quando chegou na minha cabeça fez outro “ssshh”. Pensei assim: “Meu Deus, se for coisa do bem, eu aceito; mas se for do mal, retira do meu caminho”. Agarrei no sono, acordei às 5 horas da manhã, entubada, cheia de aparelhos, uma borracha velha na boca. As enfermeiras disseram: “Vamos tirar isso daí, essa menina está morta”. Quando elas chegaram perto mim eu disse: “Tô morta, não. Podem tirar esses aparelhos, estou boazinha, quero tomar banho”.



SE CUIDARMOS COM
CARINHO DO QUE É NOSSO,
TUDO ESTARÁ BEM MELHOR.



Sabia que o “médico dos médicos” havia me curado. O médico dos médicos é Jesus. Se a gente não tem fé não vai a lugar nenhum. E como tinha cortado uma trompa e infeccionado, os médicos me disseram que nunca mais teria filhos. Quatro anos depois nasceu o Moisés, que hoje tem 7 anos.

Sair de Fortaleza

Sáimos de Fortaleza porque as dificuldades estavam maiores do que aqui. Tinha emprego, mas morava com a minha sogra. Fomos morar no Gregório, mas tivemos que sair porque eles quiseram a casa e falaram em nos indenizar. Mas não lucramos quase nada, pois nos deram 1.200 reais. O pai completou com 200 reais e comprou um terreninho ali perto, que é justamente esse onde a gente mora agora. Mas nessas idas e vindas, meu marido começou a trabalhar na agricultura e continuou dando aulas particulares. Agora está trabalhando em uma firma do Pecém.

A gente deixa a bicicleta do lado de fora

Faz uns quatro anos umas pessoas disseram que iam medir os terrenos, porque daqui a uns tempos iriam precisar deles. Eram umas 20, 30 casas, agora são quase 200. Andam falando que a refinaria vai ser bem aqui perto – será mesmo? Mas nós não estamos procurando outro local. Aqui é bom demais, apesar da dificuldade da água. Aqui é tranquilo. Pode armar uma rede a qualquer hora, deixar até bicicleta do lado de fora. Na cidade, se deixar mesmo um par de meias...

Quando chegamos nem tive condições de terminar. Não tinha banheiro, eram dois quartos e o corredor. O único canto coberto era o quarto, o resto aberto, só as paredes levantadas, mas parecia um prêmio da loteria. Estou terminando aos poucos, já tem dez anos.

Dentro de 20 anos

Vejo aqui, dentro de 20 anos, da seguinte maneira: se cuidarmos com carinho do que é nosso, tudo estará bem melhor. E melhor de se viver, de se morar, crescendo a convivência com as outras pessoas. Tenho receio apenas que a gente perca a união, mas sei que com o esforço de cada um isso não vai acontecer. E é bom contar a nossa história, para alguém lá no futuro ver como superamos as dificuldades, o que pode até servir de exemplo para outras comunidades.

Ana Virgínia de Moraes Lima nasceu no dia 24 de abril de 1975, em Fortaleza, filha do agricultor Antônio Rodrigues de Moraes e da dona de casa e agricultora Maria Silva de Moraes. Mais velha de seis irmãos – cinco mulheres e um homem –, teve problemas sérios de saúde, foi dada como morta, mas viu e sentiu o “médico dos médicos”, Jesus, que a salvou. Mora no Povoado do Bolso, São Gonçalo do Amarante.



Os fazendeiros expulsaram os índios tapeba

Casei com 17 anos, e não tinha nenhum canto pra morar, pois estávamos sendo expulsos da terra por fazendeiros. Ficamos na beira do trilho, onde passa o trem, as nossas ocas abandonadas dentro da mata, não podíamos entrar. Fui para a beira do rio. Chegamos e colocamos o nome de Rio Ceará (ele se chamava Rio do Picu). Quando vim morar o pessoal dizia: “Tem uma mulher doida colada dentro do mangue com um bocado de menino e um homem”. Limpamos um canto na beira do rio, debaixo do manguezal, e coloquei um pedaço de lona e de papelão para os meninos dormirem em cima. Uma mulher me perguntou: “Como a senhora vai dormir com esses meninos aqui?!”. Eu disse: “Minha senhora, eu sou índia, filha da natureza, nada vai me acontecer”. Fomos tirar pau do mangue e fizemos uma cabana. Os outros parentes vieram e começaram a fazer o mesmo: “Raimunda foi para a beira do rio, eu vou também”. E veio um bocado de gente. Todos os índios tapeba que moram aqui vieram de lá. O restante dos meus filhos eu tive aqui; e acabei de criar um que estava com dois meses. Mas hoje tenho esse trauma dentro de mim: ser obrigada a sair de onde nasci. Lembro de tudo, de como fomos expulsos, eu era bem jovenzinha. Estou com 70 anos, mas nunca me esqueci disso.

Raimunda Rodrigues Teixeira nasceu no dia 24 de novembro de 1944, na comunidade do Trilho, Capuan, município de Caucaia, Ceará. Indígena do povo tapeba, é bisneta do cacique Perna de Pau e filha de Francisco Alves dos Reis e da não índia Julieta Pereira da Silva. Foi casada por 25 anos com o cacique Alberto, com quem teve 12 filhos. Ela é a pajé da comunidade tapeba. Na década de 1960, sua família e parte dos índios tapeba foram expulsos de seu lugar de origem por fazendeiros que se diziam donos da terra. O conflito fez com que o grupo se deslocasse para as margens do Rio Ceará. Raimunda Teixeira foi funcionária da Funasa, na qual trabalhou por 12 anos como zeladora. Mora no Parque Soledade, Caucaia.



Padre Tula

Não fomos feitos para comer o pão que o diabo amassou

Nasci nesta casa, neste terreno. Meus pais vieram para Caucaia em 1940 e aqui fincaram residência. Meus irmãos nasceram em Fortaleza, mas na minha vez não deu tempo. E daqui não saio, daqui ninguém me tira. Tive quatro irmãos: Marcelo, Pedro Paulo, Rita de Cássia e Francisca, a mais nova. Mas se alguém procurar o Francisco ninguém conhece, só o padre Tula. E esse apelido vem de uma cachorra, a Tulipa, do tempo de criança.

Educação no pirão e tabefe

Meu pai era um homem muito bom e de energia com os filhos. No passado, como se diz no Nordeste, a criança era educada com pirão e tabefe. Apanhando e ao mesmo tempo comendo o pão de cada dia. Minha mãe gostava de mimar os filhos.

Quando mamãe ia ter os filhos, “descansar”, como se diz aqui, a mãe dela pedia para o parto ser em Fortaleza, pois tinha cisma com Caucaia. No dia em que eu nasci, meu pai estava procurando um jeito de levar minha mãe para a capital. Mas eram 6 da noite, a

mãe sofrendo. Aqui ao lado passa a ferrovia. A Maria Fumaça vinha chegando, deu um apito muito grande, mamãe tomou um susto e saiu minha cabeça. Ela disse ao meu pai: “Passou a cabeça, o corpo passa”. Nasci com 5 quilos e 900 gramas.

Quando mais novo, meu pai era seresteiro, tocava violão, sanfona, piano, vários instrumentos. Mas a seresta dele era sem bebida. E fiquei com essa veia musical. Dele e dela, pois minha mãe era professora de piano e cantava, tinha a voz muito bonita. Havia sa-raus em casa, vinham os vizinhos, um ambiente cultural muito forte. Tanto que tenho 16 CDs gravados. Músicas religiosas, sertanejas, vários estilos.

Uma poesia por dia

Faço uma poesia por dia. A motivação depende do momento. Anteontem deu uma chuva forte, relâmpago, aí me veio: “Bate forte no telhado a chuva que cai do céu...”. Vem inspiração em um momento de raiva, um aborrecimento, e prefiro extravasar na poesia. Já fiz mais de mil poesias. Comecei em 1984, quando meu pai morreu, pois senti muito a falta dele. Ele morreu tocando, fazendo o que mais gostava. E meu pai foi frade. Mas o pai dele morreu, eram dez filhos, só ele de homem e nove irmãs, então teve que deixar o convento. E muitos anos depois, curiosamente, teve dois filhos padres.

O cordel e o seminário

Bem, sou cordelista e trabalhei 25 anos como radialista. No cordel recolho o que vejo no povo, o que ele pensa. Povo sem memória é fadado ao fracasso, a não ter sucesso. Com a memória levo uma bandeira que não quero que se apague. Eu vou passar, mas ela vai continuar, para serem conhecidas as nossas dificuldades e as alegrias.

Cresci, passei na admissão e entrei no seminário em 1962. Uma opção minha, a partir da formação religiosa que recebi dos meus pais. Saí do seminário com 16 anos, fui fazer duas faculdades, cursei História e Geografia, e no seminário cursei Filosofia e Teologia. Namorei, voltei para o seminário em Fortaleza. Estou com 35 anos de vida sacerdotal e não estou arrependido. Esse namoro foi com uma moça muito especial, uma afetividade grande. Mas percebi que minha vocação era mesmo o sacerdócio. Ficamos tão amigos que uns anos depois ela me chamou para celebrar seu casamento.

Padre Cícero

Houve um fato muito curioso no seminário. A minha monografia na Teologia foi sobre a Teologia da Libertação e a religiosidade popular, da qual gosto muito. Explorei, na época, o beato Zé Lourenço, do Caldeirão, Antônio Conselheiro e o padre Cícero, dentro da ótica de ser a religiosidade aspecto muito importante para a libertação do povo pobre. Quando fui apresentar a tese, a banca examinadora disse que eu estava reprovado porque defendia o padre Cícero, e ele tinha sido excomungado. Fui obrigado a fazer prova de toda a Teologia novamente para me ordenar. Passei três anos depois. Cinco anos depois que me ordenei veio um bispo para o Crato e começou a reabilitar o padre Cícero.



O tempo muda tudo. Nas celebrações, há 26 anos eu e meu irmão introduzimos a sanfona dentro da igreja. “É um negócio horrível”, muita gente dizia. Meu irmão começou a fazer missa da padroeira, depois em homenagem aos violeiros, aos vaqueiros, e aí gravamos um CD.

Teologia de Libertação

Em 1967 era seminarista e tive contato com as ideias da Teologia da Libertação. Falava-se das Comunidades Eclesiais de Base, que ligavam o Evangelho à vida, à luta pelos direitos dos trabalhadores. Mostrava-se que Jesus Cristo deu predileção aos pobres, que ia ao encontro das pessoas, nada de encher os templos, mas ir aonde o povo está sofrendo. A Igreja hoje tem uma visão diferente, na linha carismática, aquela coisa do louvor, não penetra nos problemas sociais.

Então comecei a refletir com algumas pessoas, mas havia uma resistência muito grande de coronéis que não queriam perder os privilégios. Organizávamos uma reunião, ia celebrar uma missa, e as famílias poderosas colocavam uma pessoa para gravar o que eu estava dizendo. Depois passavam um para o outro. Até a Polícia Federal andou olhando, vendo meu estilo de vida. Meu irmão foi preso por conta de suas ideias, e passou dois dias na Polícia Federal de Fortaleza. O povo era bucha de canhão nas mãos dos políticos, vivia amoitado, mas isso está mudando.

Ameaças de morte

Por conta de começar a pensar diferente desses coronéis, fui ameaçado de morte umas quatro ou cinco vezes, cheguei quase a morrer. Não aceitavam a ação social. Vou contar um caso concreto que ocorreu no dia 28 de novembro de 1992, em uma capela muito dominada pelos poderosos. Havia uma festa, cheguei lá, estava pronto o esquema da aber-

tura. Mas havia um pistoleiro preparado para me matar. E Deus me ajudou que nesse dia estava com a minha mãe, então eles a respeitaram, mas mesmo assim perseguiram o meu carro. Entrei em outras estradas e eles passaram direto, saí lá na frente por outras veredas, que eu conhecia todas. Nesse dia me livre da morte. E tinha certeza absoluta que era pra me matar. Um deles puxou a minha camisa, com o revólver na mão.

Progresso traz dívida social

Aqui inexistia indústria até 2008. Hoje são mais de 300. Caucaia cresceu, na verdade, graças ao advento do Pecém. O mercado de trabalho abrindo-se cada vez mais. Afinal, fomos feitos para trabalhar, para comer o pão com o suor do rosto, e não o pão que o diabo amassou. Mas há uma dívida social grande que o progresso traz, e cabe aos governos equacionar tudo isso. Vêm pessoas do Brasil inteiro, com outros costumes. Há agora uma boa quantidade de coreanos que vieram trabalhar na siderúrgica. Eles estão formando uma cidade, colocam placas com a língua deles. Eles é que têm que se adaptar com o nosso modo.

O grande problema é o deslocamento. Em uma área na zona rural, serão 10 mil casas para trabalhadores da siderúrgica. Esse pessoal vai para onde não moravam. Terão água, luz, comunicação, estrada? Haverá o mesmo espírito de união? Até mesmo quando a pessoa vai dormir em outra rede, precisa de muito tempo para ajeitar as costas nessa rede.

Alimentar utopias

A vida só tem graça quando há utopias e as alimentamos todos os dias. Aí damos sentido à vida. Penso em ter saúde, escrever muito, fazer muito bem ao povo pela missão sacerdotal, anunciar com muita paixão o Jesus Cristo em quem acredito. E sonho há muitos anos ver uma sociedade mais fraterna, na qual as pessoas se respeitem mais, com espírito de comunhão e partilha, e menos ganância.

São sonhos decantados por mim. Sonho também, por exemplo, em um dia a ferrovia voltar a carregar passageiros no Ceará. É meu sonho. Esse trabalho que estou fazendo agora das estações é um apelo ao governo estadual, governo federal, para ver se volta o trem ferroviário. Se estão falando tanto em progresso, por que cortar o transporte das massas?

E finalmente, sonho que quando chegar a minha hora vou dizer assim: “Combati o bom combate, terminei minha carreira, resta agora me encontrar com o Senhor, que é a felicidade”.

Francisco Antônio Cavalcante de Menezes é filho de Romeu de Castro Menezes, que foi coronel da Polícia Militar do Ceará, e da dona de casa Maria Cavalcante de Menezes, conhecida como “Jandira”. Ele nasceu a 8 de novembro de 1950, em Caucaia. Vive hoje em Cigana, também em Caucaia. Eram cinco irmãos, dos quais dois são padres. Cordelista, poeta, radialista e músico, desde a juventude está ligado às Comunidades Eclesiais de Base e à Teologia da Libertação.

A VIDA SÓ TEM GRAÇA
QUANDO HÁ UTOPIAS E AS
ALIMENTAMOS TODOS OS DIAS





Falo para as netas como é importante estudar

Quando ficava doente, antes de tudo era levantar o pensamento a Deus para ser curado, encontrar um remédio que combatesse aquela doença. Ou então que Deus mostrasse um rezador, porque no tempo da minha infância só tinha doutor para o rico. Quando adoecia uma pessoa, como ir até Caucaia? Não tinha transporte, era só areia. Transporte daqui era jumento, cavalo, burro. Ninguém sabia nem o que era carro.

Eu tinha 25 anos de idade quando entrou o primeiro jipe aqui, do Antônio Brasileiro. Quem tivesse comendo parava de comer para olhar. O pobre andava de chinelinho ou de tamanco de madeira, para ir em cima da areia quente daqui até o Pecém. Nunca estudei. Mas sonhava que quando fosse me casar ia ter aquele privilégio, aquele prazer de assinar meu nome, que eu não sabia nem como era. Só sabia que meu nome era Antônio, mas não sabia o resto. Falei para uma prima da minha mulher: “Olha, Mazé, vou me casar com sua prima e não sei fazer nem meu nome, tu não quer me ensinar?”. Fui e aprendi. Porque, para mim, se eu não assinava meu nome, não ganhava a mulher bem direitinho, né? Mas hoje minhas netas estudam. Falo sempre como é importante o estudo.

Antônio Adelino, como é conhecido Antônio Freire de Andrade, nasceu no dia 5 de fevereiro de 1945, em Matões, município de Caucaia. Filho de Adelino Freire de Andrade e Josefa Ribeiro de Andrade, ambos agricultores, é “anacé de raiz”. Sua mãe teve 14 filhos, dois dos quais não sobreviveram. A infância foi “sofrida e gostosa”, trabalhando todos os dias. Somente aos 18 anos teve permissão para se divertir em jogos de futebol, com hora marcada para chegar em casa. Caso não obedecesse, seu pai batia nos filhos com “chicote bravo”. Teve três filhos e uma delas, Cristina, morreu de câncer, deixando quatro netos sob sua guarda. Emociona-se ao falar dessa perda. Mora com uma irmã na Baixa dos Carnaúbas, nos Matões, Caucaia.



Aldenor

O coração do mar é o vento

A infância na região nessa época era muito difícil. Em termos de pesca tinha muita fartura. Meu pai sempre ia para o mar e trazia muito peixe. Mas era difícil conseguir dinheiro, pegar no dinheiro, e poder sustentar a família inteira. E meu pai e minha mãe acabavam comprando muita coisa em retalho, por não ter o dinheiro para comprar.

Comprar três colheres de óleo

Retalho é quando se vai a uma mercearia e a pessoa compra três, quatro colheres de óleo, um quarto de rapadura. Até fósforo meu pai e minha mãe compravam no retalho. O que é o valor de uma caixa de fósforos hoje? É um preço tão mínimo! Mas meu pai comprava às vezes dez palitos de fósforo.

Meu pai vendia peixe, e tinha muita qualidade de peixe: cavala, serra, pargo, e peixes pequenos, como biquara, ariacó, guaiúba. E pegava bastante. Ele sempre pescava de terceiro, ou seja, de metade. O cara tinha uma embarcação e meu pai ia para o mar. O que ele produzisse era metade dele e metade do dono da embarcação. Normalmente ele saía quase todo dia, sempre de madrugada. Pescava às vezes de segunda a quinta, ficava em casa na sexta, pescava no sábado e no domingo.

Pão e lagosta

Comecei a trabalhar com 8 anos, em uma padaria. Ajudava a fazer os pães e assar. De manhã colocava a cesta de pães nas costas e saía entregando nas mercearias. E à tarde era a mesma coisa. Nessa padaria fiquei dois anos.

Completei dez anos e abriu aqui uma pesca de lagosta. Foi muito bom para o lugar, pois tinha muita lagosta. Eu e mais uns 11 meninos trabalhando nisso. O que a gente fazia era tirar uma espécie de tripa da cauda – só se aproveitava a cauda; a cabeça jogava fora, dava para o pessoal da periferia. Vinham muitas famílias pegar só a cabeça de lagosta, porque todo mundo estava com fome, principalmente as crianças. E era uma cabeça muito grande: uma pessoa só aguentava comer uma, no máximo duas. Eu ganhava 100 mil-réis por semana e com o dinheirinho comprava minhas roupinhas e ajudava meu pai e minha mãe. Quando fui pescar com o meu pai eu tinha 15 anos.

O Pecém era atrasado

Fui então trabalhar no Mucuripe, porque o Pecém era um lugar muito atrasado. Sempre tive a visão de procurar viver melhor. E gostava mesmo de trabalhar. O Pecém, eu tinha certeza, não ia me dar muito futuro. Fui embora então com 15 anos, mas quase todo mês vinha visitar meus pais.

Nessa época adorava ver meu pai na dança do coco. Isso mais jovem, adolescente, porque quando era criança nossas brincadeiras ficavam sempre na rua, como o esconde-esconde, que naquele tempo era chamado de manja. E tinha brincadeira de pião, de bila, que são aquelas bolinhas de gude. E os meninos surfavam no mar com uns pedacinhos de tábua.

Mas aos domingos era a dança do coco. Que alegria ver meu pai ali, naquela dança sapateada, todo feliz, junto com os amigos. E todos cantavam, improvisando os versos, tocando o ganzá. O ganzá parece um chocalho de alumínio, com chumbo ou milho dentro. E a música era assim: “Maneiro pau/eu vou embora/como eu disse eu sempre vou/maneiro pau/se eu não for na barca nova/, eu vou num rebocador/. Menina, diz a teu pai/ que só como de talher/, maneiro pau/, ele nasceu pra ser meu sogro/, maneiro pau/, e você minha mulher”.

O vento é o coração do mar

Na época em que pescava já peguei problema no mar. Isso acontece quando o vento fica muito forte. Pois o coração do mar é o vento: quando o vento está calmo, você vê tudo calmo, tudo beleza. Ah, que vida boa, viagem boa. Mas quando o vento está bem forte, com temporal, o mar fica muito agitado. E é nesse momento que está o perigo, pois a embarcação pode virar, pode abrir uma água muito grande. Quando estava mais ou menos assim, o que a gente podia fazer era parar tudo e ancorar, esperando a tempestade passar e garantindo a própria vida.

Carteira de trabalho
de Aldenor



E mesmo nesses dias sempre fui muito danado. Eu era um peixe no mar, um cara muito disposto. Nunca dei uma onda de fraqueza ou de moleza, nunca fui aquela pessoa que me poupava no trabalho. Enfrentava o trabalho de frente, sem medo. E isso vem até hoje.

Depois conheci a minha mulher e ficamos namorando dez anos. Naquele tempo a coisa era muito sincera, muito séria. Hoje, honra de mulher não tem mais valor, nem a vida da gente tem mais valor. Antes a honra de uma mulher, de uma moça, era uma coisa muito rigorosa.

Parar de pescar

Muitos anos depois, decidi parar de pescar. A minha mulher não queria de jeito nenhum, achou muito ruim essa minha decisão, mas depois combinei com ela. Fui até a firma dizer que não ia mais. O chefe disse: “Rapaz, mas você vai sair?!”. “Vou, para ficar no Pecém.”; “Mas do Pecém tu já veio.”; “Não, mas o Pecém agora está diferente, bem diferente.”

A mudança que aconteceu aqui é que todo mundo vivia da pesca, mas agora chegou o porto, esse empreendimento todo. Com isso, os filhos dos pescadores começaram a procurar emprego, deixando de trabalhar no mar e indo para as empresas. Além de conseguir emprego, o povo daqui passou a ter que se acostumar com pessoas do mundo inteiro. Mas isso vem do progresso, desse desenvolvimento que falei.

E nós moramos aqui no Pecém, com alegria. Esse nosso terreno foi uma terra apossada, todo mundo lutou muito pra conseguir um lugar para morar. Naquele tempo lá atrás ninguém era dono de nada na região. E aqui em casa, por incrível que pareça, a maré

entrava por trás, virava uma lagoa só. A maré era grande e o mar enchia. Aí entrava água, ia até em cima; quando a maré secava, voltava de novo.

Mas nunca quis sair daqui. Resolvi aterrar, aterrar, até conseguir fazer uma casinha pequena. Minha família se socou nela, mas virava um brejo no inverno. Quando conseguia mais um aportezinho de dinheiro eu alteava o piso. Mas virava brejo de novo, porque aqui era muito úmido e salgado. Eu sei que cheguei até a derrubar a casa todinha e alteei, mas ela ficou muito baixa. A coisa foi melhorando mais um pouco, até que derrubei total e fiz outra.

Juntar as letras

E com isso tudo, depois de adulto, frequentei uma escola do Mobral. Mas eu ia já sabendo de muita coisa. Aprendi a escrever, a desenhar o meu nome só quando fui tirar minha carteira de identidade, com 18 anos. Mas desenhava mal. Não queria ser chamado de analfabeto. A escola era à noite, e eu ia, mas bem adulto. Pegava aquelas revistas, fotonovelas, na época tinha o nome e tinha a figura. Eu conhecia todas as letras, mas não sabia juntar uma com a outra. Comecei a dizer um nome com duas sílabas e via a figura: “Ah, esse nome aqui”. E comecei a botar na cabeça o nome, minha cabeça era muito boa de aprender. Aí via e já sabia que o nome era aquele, e aprendia mais um pouco.

Completei 60 anos. Existe uma lei nacional que ampara o pescador com 60 anos. Eu tinha 42 anos de profissão, mas ainda não tinha idade pra me aposentar, somente o tempo de serviço do mar. Quando completei 60 anos entrei com os papéis da aposentadoria e, graças a Deus, não tive dificuldade. Mas a minha mulher se aposentou primeiro, porque a lei dá a ela a idade de se aposentar com 55. É como se eu fosse o pescador, e ela a pescadora, mas o nome que está na carteira é “marisqueira”.

Mais um prato na mesa

Mas o meu sonho mesmo, o maior deles, é sempre ter a minha família do meu lado, conviver bem com todos eles, ter meus netos, meus filhos, meus genros, ser uma só família. Porque a família às vezes se separa. E se alguém da família tiver dificuldade – porque às vezes fica desempregado – nunca deixar aquela pessoa passar por uma situação difícil, pois sei como é isso. Uma dificuldade de alimentação é muito ruim pra todo mundo, principalmente as crianças. E é bom sempre ter um pouquinho pra ajudar quem precisa. Peço a Deus só isso: que me dê forças para na minha mesa nunca deixar de ter um prato para mais uma pessoa.

Aldenor Miranda dos Santos nasceu no Pecém, em 3 de março de 1948, filho de Antônio Miranda dos Santos e Maria Tabosa de Souza, pai pescador e mãe dona de casa. São oito irmãos – cinco homens pescadores, e três mulheres donas de casa. Passou grande dificuldade na infância por haver pouca comida para toda a família. Agora está aposentado. Nunca estudou, pois começou a trabalhar com 8 anos, em uma padaria, antes de se dedicar à pesca. Mora no Pecém, São Gonçalo do Amarante.

EU CONHECIA TODAS AS LETRAS,
MAS NÃO SABIA JUNTAR UMA
COM A OUTRA.





Metrô

Ali nas ondas me encontro

Meu pai era pescador, mas na época que ele pescava não tinha o porto. Fazia muito tempo que estavam pesquisando para a construção. Paravam um tempo, depois voltavam.

Minha mãe era dona de casa, lavava roupa para dar alimentação aos quatro filhos. Meu pai saía para pescar de madrugada, três horas, e só chegava lá pelas quatro da tarde. Se tivesse o rango, a gente comia; se não tivesse, só na hora que ele chegava.

Somos quatro irmãos, sou o mais velho: Antônio Manuel de Paulo Barbosa, Antônia Vanessa de Paulo Barbosa e Antônio Kelvin de Paulo Barbosa. Nós tínhamos que estudar. Mas certo tempo, meu pai ficou longe, se separou da minha mãe, o negócio ficou mais difícil. Abandonei a aula e fui pescar, para trazer o meio de sobrevivência para casa. É difícil quando não tem nada para comer. Muitos têm e não dão valor.

Para estudar, no início vinha uma professora que as pessoas contratavam, dava aula para uns 15 meninos. Depois foi evoluindo, já tinha escola, mas às vezes eu não queria ir, era meio problemático. Mas o que perdi para trás faz a diferença.

Aí veio a tragédia

Tive que parar de estudar para trabalhar pescando. Começou com uma briga de casal dos meus pais, uma desavença grande mesmo. Minha mãe não aguentava mais, estava cansada do que ele fazia. Tinha dia que ele saía para beber, ficava dois, três dias fora, na curtidão. Aí resolveram se separar, mas ele ficou lá mesmo, em Paracuru, onde já estava. E se afastou de nós, dos filhos e da minha mãe.

Tempos depois minha mãe arrumou esse cara com quem vive até hoje. Meu pai ficou um tempo sozinho, vivendo por lá, depois se envolveu com uma mulher. Mas aí veio a tragédia: o ex-marido da mulher ficou sabendo de tudo. E por causa de ciúme, foi lá e matou meu pai. Que Deus o tenha onde ele está, mas a realidade tem que ser dita, não se pode negar.

Sempre fui fascinado pelo mar

Quando podia, ia para o mar, pois sempre fui fascinado pelo mar. Um nativo que mora em beira de praia, se não cair no mar é porque não gosta mesmo. A pessoa sente que é outra vida, um meio de sobrevivência, pois a qualquer hora se pega peixe pra comer. E no mar fazia tudo, surfava também. Começou a ter construção por aqui. Cheguei para um senhor e pedi um pedaço da madeira. Muitos meninos tinham prancha e eu não. Quis fabricar um tipo de prancha com a tábua. Pegava esse tambor grosso, de produtos químicos, fazia uma espécie de quilha, comprava uma vela, saía pingando na madeira, pra não escorregar, pois o segredo é não escorregar.

Comecei a me habituar com a prancha, e passei a surfar mesmo. A turma começou a me chamar de Metrô e de Onça – eu tenho os dois apelidos. Agora, no mar, sou fora de série, vou pra cima mesmo.

Peixe com farinha

Quando parei de estudar e fui pescar, os peixes menores eu trazia para casa, a família tinha que comer. E os maiores a gente vendia. Eram quatro pescadores. Por exemplo: se tivesse dez quilos de peixe, eram dois e meio para cada pescador. Os maiores, cavala com 4, 5 quilos, galo de 10 quilos, era para vender. Mas o dono do barco era outra pessoa, ele emprestava a embarcação. Se a pescaria desse 500 reais, 250 reais, eram do dono da jangada, e esses 250 reais eram repartidos para quatro pescadores. Isso depois de um dia inteiro de trabalho para um menino de 12, 13 anos. E não havia arroz e feijão, era peixe com farinha mesmo.

E tudo isso aprendi com o meu avô, pai do meu pai, que foi uma luz que me fez caminhar. Ele se chamava José de Iracema da Costa Barbosa, considerado um dos melhores pescadores daqui. Só chegava com 80 quilos, 100 quilos de peixe. Mas naquela época, o comércio de peixe não era muito bom, a cavala chegava a 5 reais o quilo; hoje a gente vende a 14 reais para o atravessador, que repassa a 18.



Mas pescar com ele era muito bom. No início não. Teve um dia que tiveram que me amar-
rar no barco, de tão nervoso que eu estava. A intensidade é tão grande que o cara pensa
que vai quebrar, e o combustível da vela é a água. O cara molha a vela, a vela fica enchar-
cada e o vento não passa. Foi meio traumatizante; mas com o tempo fui me adaptando.
Depois cresci mais e conheci a minha ex-mulher. Ela é minha prima, e veio dar um pas-
seio aqui. Vivi com ela cinco anos e tivemos esse tesouro que se chama Luana, que hoje
mora com a mãe, lá em Fortaleza. Eu pago pensão e tudo.

Dentes do peixe-agulha

Aqui vivia dona Chiquinha da Lagoa, já falecida. Era como um pajé, tinha os remédios
caseiros. Meu pai foi furado perto do umbigo por um peixe chamado peixe-agulha. Ficou
um tempo muito doente, pois os dentes desse peixe têm muitas bactérias. Se tivesse fura-
do o umbigo iria dar doença e ele morreria. Uma vez uma arraia me furou a mão, passei
uma semana doente. Ela tem uma toxina no ferrão que se pegar num canto mortal, mata.

Mas nesse tempo todo nunca deixei de surfar. Saía para pescar às 3 da madrugada, volta-
va lá pelas 11 da manhã. E às vezes o mar fica ressaqueado. É quando ele aumenta, com
onda de até 3 metros de altura. Eu chegava, botava o barco pra cima, almoçava, esperava
um tempo e depois dava uma caída de três horas, três e meia de surfe. Quando o mar sobe,
todo mundo fica doido pra cair no mar. Mas agora trabalhando, só posso cair no fim de
semana, no sábado na parte da tarde, ou no domingo.

O desenvolvimento é bom, mas tem um impacto

Para a comunidade, a chegada do porto teve mais benefícios. Emprego, desenvolvimen-
to, renda para o município. Veio o desenvolvimento geral: comércio, comida, e até os
caixas de banco, pois tinha que ir a São Gonçalo pegar dinheiro.

QUANDO O MAR SOBE,
TODO MUNDO FICA DOIDO
PRA CAIR NO MAR.



Quando comecei, trabalhava embarcado em uma balsa, que a minha área sempre foi
essa, trabalhar embarcado que nem um marinheiro. Só que não tenho os documentos.
Eu pretendo fazer uns cursos, quero estudar. Se o cara conseguir fazer esse curso, ganha
bem uns três barões. Para quem ganha 1 mil, 1.500 reais nesse trabalho, será um aumento
grande, que não se pode perder.

Agora, como vêm as coisas boas, vêm as coisas más. Porque onde está a demanda de di-
nheiro sempre tem aquele atrito. O desenvolvimento é bom, mas tem um impacto.

Sobre as ondas

O meu maior empenho é nas ondas. Ali me encontro. E sempre me dei bem em ondas
grandes, pois quanto maior melhor pra surfar. O cara vai dar umas batidas, fazer um
tubo, é demais. Nas menores o segredo é acelerar, e por isso colocaram esse apelido em
mim, de Metrô, pois quando pego a onda vou embora mesmo, não saio de lá. Sai do meio
porque eu vou embora, vou passando... Quando comecei a surfar desci em uma onda de
mais ou menos 2 metros, e aí já estava pegando a prática. Finalizei essa onda até o seco,
até o seco mesmo, mas não fazia manobra. Se a pessoa desce na onda e não faz manobra,
se chama só “alisar a onda”. E dessa vez eu alisei a onda, mas já estava surfando. Mas se faz
manobra já é um pré-profissional.

Faço 360, tubo, *cut back*, *rock and roll*. No *bodyboard* planto até bananeira de cabeça para
baixo. Uma das minhas manobras preferidas é o aéreo – decolo da onda, vou e volto de
novo. Uma das melhores. Em segundo lugar o tubo. Agora, tem sempre que tomar cuida-
do, pois já me machuquei.

Quem quiser aprender, me siga

Meu trabalho hoje é em uma boa empresa. Sou ajudante geral. Eles me contrataram
como terceirizado, fiquei 90 dias na experiência, agora sou contratado. E o supervisor me
diz que só saio de lá quando eu quiser. Meu sonho hoje é viver bem e ver a minha família
na Igreja, seguindo Cristo, o resto é resto. Dinheiro, casa, terreno, isso aí não influi em
nada. E nesse sonho eu vou incluir uma escolinha de surfe para ensinar o que aprendi. Da
hora! Vou arrumar essa escola, comprar umas pranchas e falar assim: “Negada, vou fazer
uma escolinha. Quem quiser aprender, me siga”. Aí eu me sentirei completo.

Antônio Wellington de Paulo Barbosa é nativo do Pecém, onde tem dois apelidos:
“Metrô” e “Onça”. Nasceu no dia 8 de novembro de 1976, filho de Maria Mercedes de Paulo
Barbosa e José Wando Barbosa, que morreu assassinado. Seu avô era pescador; o pai também.
Sua grande paixão é o surfe. Começou a pescar aos 12 anos e tem dois sonhos para se sentir
realizado: ver a família orando em sua igreja e abrir uma escolinha de surfe. Mora no Pecém, São
Gonçalo do Amarante.



Créditos da Publicação

Coordenação Geral do Projeto
Sônia London

Coordenação Editorial
José Santos Matos

Edição de Textos
Guilherme Salgado Rocha

Revisão
Monalisa Neves

Projeto Gráfico e Diagramação
Editora Olhares

Impressão
Mais Type

Coordenação de pesquisa
Danilo Eiji Lopes

Pesquisadores
Eliete Pereira
Luiz Gustavo Souza Lima Jr.
Vanessa Lima

Fotografia
Davi Pinheiro
Gabriel Gonçalves
Marina Cavalcante

Gravação em vídeo
Nigéria – Comunicação e Audiovisual
Caio Zerbini
Gabriel Monteiro

Produção
Tati Rommel

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todo lugar tem uma história para contar / organizador Museu
da Pessoa. -- 1. ed. -- São Paulo : Museu da Pessoa, 2015.

ISBN: 85-62114-41-3

1. Ceará - Biografia
2. Ceará - História I. Museu da Pessoa.

14-11770 CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Ceará : Biografia 920.72

Companhia Siderúrgica do Pecém - CSP

Chief Executive Officer - CEO
Sérgio Leite

General Administrative Officer - GAO
Chiho Chang

Chief Financial Officer - CFO
Alexandre Bernstein

Chief Project Officer - CPO
Dong Ho Kim

**Gerente Geral de Desenvolvimento de
Negócios Sustentáveis**
José Erasmo Pereira

Gerente de Sustentabilidade
Cristiane Peres

Coordenador de Responsabilidade Social
Gustavo Salles Nappo

Analistas de Sustentabilidade
Livia de Carvalho Rosas
Maira Ary Wandscheer
Tennyson Martins Dantas

Assistente de Sustentabilidade
Frederico Veloso França

Museu da Pessoa

Diretora-presidente
Karen Workman

Acervo
Ana Maria Leitão (assessora)
Lucas Lara
Felipe Rocha
Lucia Esteves

Administrativo-Financeiro
Rogerio Teperman
Viviane Rocha
Keli Garrafa
Cleide Soares
Allan Fava
Marcela Fogare

Conte Sua História
Rosana Mizziara
Luiza Paiva Paganoni

Educativo
Sonia London
Marcia Trezza
Danilo Eiji Lopes
Renata Zimbarg

Memória Institucional
Marcia Ruiz
Melissa Machado

Portal
Diogo Cutinhola
Joyce Pais

Projetos editoriais
José Santos

Sustentabilidade
Andréia Costa de Souza



• AÇÃO PARA
VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA
E DA CULTURA POPULAR

INTERAGIR
INTEGRAÇÃO ESTRATÉGICA
PARA GESTÃO E INVESTIMENTO
REGIONAL



CSP | Companhia
Siderúrgica
do Pecém